

Universidade Federal de Juiz de Fora

Thiago de Paula Carvalho

Nossa origem Africana:
A História antes da História

Juiz de Fora
Janeiro – 2017

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

CARVALHO, Thiago de Paula.

Nossa origem Africana : A História antes da História / Thiago de Paula CARVALHO. – 2017.

53 p.

Orientador: Marcos Dias COELHO

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. , 2017.

1. evolução. 2. história da África. 3. Hominização. 4. Prê-história Africana. 5. Racismo. I. COELHO, Marcos Dias, orient. II. Título.

Universidade Federal de Juiz de Fora

Thiago de Paula Carvalho

Nossa origem Africana:
A História antes da História

Trabalho de Conclusão de Curso elaborado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista, no Curso de Pós-Graduação em História da África – Pós-Afrikas. Sob orientação do Prof. Dr. Marcos Dias Coelho.

Juiz de Fora
Janeiro – 2017

Ficha Catalográfica

Folha de Aprovação

A monografia intitulada **Nossa origem Africana. A História antes da História**, elaborada por Thiago de Paula Carvalho, como pré-requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em História da África, foi aprovada por todos os membros da Comissão Examinadora designada pela Coordenação do Curso de Pós-graduação em História da África, do Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Juiz de Fora, _____ de _____ de 2017.

Prof. [nome do professor]
Orientador

Prof. [nome do professor]

Prof. [nome do professor]

Dedicatória

Dedico esse trabalho a meu pai, Cirineu.

In

memoriam.

Agradecimentos

Agradeço a toda a equipe do Pós-Afrikas, monitores, professores e meus colegas de curso, pela oportunidade única.

Agradeço ainda ao meu orientador, Marcos Coelho, por todo empenho e ajuda.

Agradeço também, em especial, a Tereza, por todo apoio e ajuda, sem os quais esse trabalho não teria existido.

Epígrafe

As vezes as sombras do passado podem ser sentidas
pelo presente. – Avatar Aang

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo fornecer um material de apoio para o ensino da pré-história nas salas de aula e como uma apresentação da história da África. Faremos primeiramente, uma breve revisão sobre as origens da teoria da evolução, logo em seguida uma explicação do conceito de pré-história e o aparecimento dos primeiros primatas bípedes e as principais etapas da sua evolução. Almejamos ainda propor uma desconstrução dos principais racismos provenientes, no nosso entendimento, de uma visão equivocada da teoria evolução humana.

Palavras-Chave: Evolução. História da África. Hominização. Pré-história Africana. Racismo.

RESUMEM

El presente documento tiene como objetivo proporcionar un material de soporte para la enseñanza de la prehistoria en el aula y como una presentación de la historia de África. Lo haremos en primer lugar, una breve reseña de los orígenes de la teoría de la evolución, poco después una explicación del concepto de pre-historia y la aparición de los primeros primates bípedos y las principales etapas de su evolución. Nuestro objetivo es proponer una desconstrucción de los principales racismos de, en nuestra opinión, una visión equivocada de la teoría de la evolución humana.

Palabras clave: Evolución. Historia de África. Hominización. Prehistoria africana. Racismo.

Índice de figuras

Figura 1: Esboço da Árvore da Vida feito por Darwin.	14
Figura 2: Savana atual. Foi em uma paisagem parecida com essa que os primeiros hominídeos surgiram.....	16
Figura 3: Cronologia da Evolução Humana.....	17
Figura 4: Sahelanthropus tchadensis.....	18
Figura 5: Australopithecus afarensis.	18
Figura 6: Detalhe do mapa da África, mostrando a área do Rift Valley e dos Grandes lagos.	19
Figura 7: Um bonobo, umas das duas espécies de chimpanzé que existem atualmente, utiliza uma vareta para “pescar” cupins em seu ninho, no zoológico de San Diego, nos EUA.	19
Figura 8: Aparência atual da Garganta de Olduvai, na Tanzânia. Lugar onde foram feitas diversas das mais importantes descobertas sobre os primeiros ancestrais da espécie humana.....	20
Figura 9: Homo habilis	20
Figura 10: Família de Australopithecus	21
Figura 11: Árvore da Evolução Humana.....	22
Figura 12: Seixo lascado encontrado na região do Saara.....	23
Figura 13: Homo ergaster.....	24
Figura 14: A imagem é a reconstituição da possível aparência da "Eva Mitocondrial". Que seria a mais antiga ancestral comum de toda a espécie humana pela linhagem materna.	25
Figura 15: Bloco de rocha com inscrições geométricas, encontrado em Blombo's cave, na África do Sul. Com idade estimada em 70 mil anos.	26
Figura 16: Tablete de pedra, encontrado na caverna Apolo 11, na Namíbia, com silhueta de um animal não identificado. Tem a idade estimada de em 25 000 anos.	26
Figura 17: Pintura rupestre em Tadrart Acacus, no oeste da Líbia. Com aproximadamente 12 mil anos.	26
Figura 18: Vista aérea do Lago Nakuru. Um dos lagos de água alcalina encontrados no Rift Valley. Está localizado no Quênia.....	27
Figura 19: Arpão de osso encontrado em Katanda, no Congo. Tem cerca de 90 mil anos.	28
Figura 20: Exemplo de ilustração utilizada para justificar a suposta inferioridade dos negros. Nela a imagem do crânio do chimpanzé é representada desproporcionalmente grande, enquanto a do homem negro tem a mandíbula aumentada, para dar a impressão de primitivismo.	29
Figura 21: Mapa 01	41
Figura 22: Mapa 02.....	42

Sumário

Parte I – apresentação	11
Parte II – Recurso didático.....	13
Introdução	13
I – De onde veio o homem?	13
II – As histórias da Pré-história.....	14
III – Processo de Hominização.	15
Primatas bípedes	16
Primeiros “Artesãos”.....	20
Homem “Trabalhador”	23
O Homem “Sábio”	24
Novos modos de viver.....	27
IV – O racismo nas representações da evolução do Homem.	28
Parte III – Portfólio.	31
Histórias de Vida e memórias	31
I – Memórias	33
II – Vida.....	34
III – Reflexão	36
Primeira proposta de intervenção:.....	39
Segunda proposta de intervenção:.....	39
Terceira proposta de intervenção:	40
Glossário	43
Referência bibliográfica.....	45
Imagens	48

Parte I – apresentação

O recurso didático.

Esse material foi pensado como o capítulo de um livro paradidático, fornecendo ao estudante aprofundamento conceitual que um simples capítulo de livro didático poderia não conseguir alcançar.

Foi planejado para servir como introdução ao estudo da História da África, partindo da exposição da origem africana do *Homo sapiens*, enquanto ser histórico, que possui uma existência limitada no tempo, que vive em sociedades sofisticadas, possuidor de uma linguagem complexa e capaz de criar representações e pensamentos subjetivos.

A organização do capítulo foi feita em quatro tópicos principais, além de uma curta introdução, e alguns subtópicos nos momentos em que pareceu necessário para uma melhor compreensão didática.

Eles apresentam, em ordem:

- a) um rápido histórico sobre as origens da teoria da evolução;
- b) uma apresentação sobre a cronologia dos eventos que serão apresentados, explicando o conceito de pré-história;
- c) o aparecimento dos primeiros primatas bípedes e os principais passos de sua evolução até o surgimento do *Homo sapiens*;
- d) a discussão sobre o surgimento e posterior avanço do racismo científico desde os séculos XVIII e XIX, seu uso como instrumento de justificativa para políticas de segregação, dominação e extermínio e a persistência do racismo tanto nas relações sociais cotidianas quanto em representações.

Devido a abordagem empregada ser um pouco mais complexa, este material foi imaginado inicialmente como suporte didático para turmas do ensino médio. A grande maioria dos livros didáticos possui em seu início, ou no caso das coleções, nos volumes iniciais, ao menos um tópico ou capítulo dedicado a conceituação de pré-história e da origem do homem.

Em nosso entendimento, no entanto, a maioria das obras aborda esse tema de maneira superficial. Algumas vezes, ao fazerem uso de imagens e ilustrações, terminam por utilizar ou reforçar estereótipos. Os principais, em nossa perspectiva, seriam as representações quase que exclusivas de personagens de fenótipo branco/europeu nas ilustrações sobre a pré-história, ignorando o fato de que, por cerca de três quartos de toda sua existência, desde o aparecimento do *Homo sapiens*, a humanidade foi exclusivamente africana.

É muito comum o uso de uma famosa ilustração, que mostra uma “linha evolutiva”, que, partindo dos primeiros símios bípedes, culmina no aparecimento do *Homo sapiens*,

invariavelmente representado como um homem branco.

É justamente essa imagem que temos a intenção de desconstruir, por entender que ela reforça a ideia de que o homem branco seria o ápice da evolução, ou o melhor candidato para representar o padrão físico de um homem moderno.

Como nosso espaço é limitado, foi necessário estabelecer um recorte que permitisse, da melhor maneira possível, abranger todos os temas propostos, procurando fornecer explicações que não fossem superficiais ou levianas. Para isso foi realizada pesquisa bibliográfica que, além de histórica, precisou dialogar constantemente com a biologia, a antropologia e a linguística.

Dentre as principais obras consultadas, foram muito importantes para a realização desse trabalho: tratando do assunto da evolução do homem, os capítulos 17, 18 e 19 do primeiro volume da *História Geral da África*, que abordam o processo de hominização, os principais fósseis africanos e a pré-história da África Oriental; o artigo “*E no princípio... era o Macaco!*”, de Walter A. Neves. Sobre a questão do racismo científico, nossa principal obra de referência foi o artigo de Renato da Silveira “*Os selvagens e a massa papel do racismo científico na montagem da hegemonia ocidental*”.

Além dessas, utilizamos como referência as seguintes obras audiovisuais: os vídeos “*Cladística – reconstruindo a Evolução*” e “*Evolução e Dispersão dos mamíferos*”, ambos produzidos pelo “Canal do Pirula” e “*Evolução Aula 04 – Evolução Humana.*”, produzido pelo canal “eu, ciência”. Ambos disponíveis na internet pela plataforma de vídeos youtube. Igualmente útil foi o programa de podcast “*Dragões de Garagem #33 Migrações humanas*”, que pode ser acessado em seu sítio na internet.

O portfólio.

A segunda parte desse trabalho se constitui do portfólio elaborado durante toda a duração do curso. Divido basicamente em suas partes, a primeira traz minhas reflexões pessoais sobre a expectativa que eu tinha sobre o curso, minha experiência de vida e profissional. O portfólio é finalizado com a apresentação de três propostas de intervenção pedagógicas, pensadas como aulas, voltadas para turmas do ensino médio.



Parte II – Recurso didático

Introdução

Ao longo de sua história a humanidade sempre buscou formas de compreender o funcionamento do mundo, e seu lugar nele, o que significava entender também qual era sua origem. Durante séculos, diversas explicações foram criadas com esse fim. A grande maioria delas buscava nas religiões e mitos nossas origens.

Alguns desses modos de explicar a origem da espécie humana foram se perdendo com o tempo, sendo abandonados ou esquecidos. O que antes era a religião de um grande grupo de pessoas podia ser substituída por outra, e o que era considerado verdade passava a ser apenas mais um mito. Era uma forma de conhecimento que se baseava na imaginação para gerar conhecimento, e não na observação e busca de evidências

Apenas muito recentemente começamos a buscar respostas científicas para essas questões.

I – De onde veio o homem?

Charles Darwin, um naturalista britânico, juntamente a **Alfred Russel Wallace**, que também era naturalista, além de geógrafo, antropólogo e biólogo, após anos trabalhando individualmente chegaram a conclusões muito parecidas sobre os mecanismos como as gerações de seres vivos podem se modificar com o passar do tempo, através de um processo que foi chamado de **Seleção Natural**. Em 1858 publicaram juntos o primeiro artigo no qual estabelecem os princípios da teoria da evolução.¹

¹ *The 1858 Darwin-Wallace paper* | *The Alfred Russel Wallace Website*. Disponível em: <<http://wallacefund.info/content/1858-darwin-wallace-paper>>. Acesso em: 6 jan. 2017.

Em 1859, Darwin publica a primeira edição de seu mais famoso livro: “A Origem das Espécies”. Alguns anos antes ele havia participado, a bordo do navio de exploração Beagle, de uma expedição ao redor do mundo. Seu contato com as espécies de seres vivos nos mais diversos lugares lhe permitiu reunir informações para criar uma hipótese nova para o modo como as espécies surgem e se diversificam, o próprio homem entre elas.

Esse novo modo de compreender o mundo dizia que todas as espécies vivas descendiam de um único ancestral comum², e que através da seleção natural havia evoluído e originado toda a diversidade existente. Essa teoria era contrária a crença comum da época, segundo a qual todas as espécies seriam estáticas, permanecendo imutáveis desde a Criação, como descrita no livro do Gênesis.

A teoria de Darwin e Wallace causou uma grande repercussão, e foi ridicularizada por muitos dos cientistas de seu tempo, que acreditavam que o relato bíblico da criação deveria ser interpretado de maneira literal, e que o Homem ocuparia nela um lugar especial, separado de todos os outros animais. Apesar disso, cada vez mais cientistas passaram a concordar com a teoria da evolução.

Em 1871 Charles Darwin publica “A Origem do Homem e a Seleção Sexual”, que insere os macacos em nossa árvore genealógica e considera as “raças” humanas uma única família.

Darwin foi o primeiro a estabelecer uma relação entre os seres humanos e os grandes **primatas** atuais, chimpanzé, gorila e orangotango, e também a dizer que provavelmente o homem havia surgido na África, descendendo de algum ser que também teria originado os grandes símios.

Conforme o tempo passou, cada vez mais evidências foram encontradas que confirmavam a Teoria da Evolução. Hoje em dia, ela é a explicação mais aceita pelos cientistas quando estudam a história dos seres vivos.

II – As histórias da Pré-história.



Figura 1: Esboço da Árvore da Vida feito por Darwin.

² Último Ancestral Comum Universal, ou LUCA, na sigla em inglês - “last universal common ancestor”.

A evolução é apenas uma teoria?

É muito comum o questionamento de que "a evolução seria apenas uma teoria". O que é um engano muito comum. No nosso cotidiano muitas vezes tratamos a ideia de que teoria é algo provisório, no sentido de ser apenas uma hipótese, um simples "achismo", como quando alguém diz "Minha teoria é de que o mordomo é o assassino", ao especular sobre um filme de mistério.

Acontece que, no meio científico, Teoria é o mais alto grau que uma hipótese pode alcançar, é o corpo de conhecimento mais importante que se pode gerar nas ciências naturais.

Reunindo evidências e utilizando o Método Científico os cientistas buscam não provar que suas hipóteses são verdadeiras, mas sim falsas. Quanto mais uma hipótese resiste a esse teste, mais firme ela se torna. Ao mesmo tempo, se ela se prova errada, pode ser corrigida, ou substituída por outra que permita explicar melhor o mundo e resista mais aos testes.

Lembre-se, dizer que algo é uma teoria, em ciência, significa que ela já foi testada muitas vezes, e conseguiu se mostrar verdadeira.

Comumente, adota-se a divisão da história humana em dois períodos: a pré-história, que se iniciaria com o surgimento das primeiras espécies do gênero Homo (Homo habilis) e o uso de ferramentas de pedra, há aproximadamente 2,2 milhões de anos até a invenção da escrita, há cerca de 3.500 anos a.C.

Desse modo, o período da existência humana que entendemos como história corresponde a, aproximadamente, 0,25% do tempo que ocupamos esse planeta.

Como você deve ter reparado, essa classificação permite que povos contemporâneos, por possuírem ou não escrita, acabem sendo classificados como "pré-históricos", ou primitivos.

Isso partindo de uma interpretação equivocada da teoria da evolução, segundo a qual haveria um caminho pré-determinado a ser percorrido pelos seres vivos, dos menos aos mais evoluídos. E esse pensamento foi também aplicado às sociedades humanas. A ideia de que existiriam sociedades humanas mais ou menos avançadas, ou evoluídas, foi defendida por muito tempo, e usada como justificativa para a opressão e extermínio de diversos povos. Veremos mais sobre isso no quarto tópico dessa unidade.

III – Processo de Hominização.

O Homem é um ser histórico, de dois modos diferentes.

O primeiro como um ser biológico, fruto da evolução e com a existência limitada no tempo. Os mecanismos pelos quais, a partir de uma linhagem de primatas, a espécie humana pode surgir é chamado **Hominização**. Compreender essa história significa buscar suas origens e a forma como nos tornamos seres racionais, capazes de criar e de transmitir cultura, transformando de modo cada vez mais drástico nosso ambiente.

Seu estudo geralmente compete a ciências como a **paleontologia, paleoantropologia**

e **antropologia**.

O segundo modo surge em decorrência do primeiro, e lhe dá continuidade. É a disciplina “História” que estudamos na escola, e sua cronologia se inicia com a invenção da escrita e segue até o presente. Sendo um ser histórico, é na África, onde ele surgiu, que encontramos o lugar da mais antiga história humana. Apesar disso, muitas vezes, assim como acontece com tantas outras histórias naquele continente, essa história é deixada de lado nos livros escolares. É essa história que veremos nas próximas páginas.

Primatas bípedes

Hoje, ao visitar a região oriental e o norte da África, onde se localizam países como Chade, Sudão e Sudão do Sul, Etiópia, Somália, Quênia, e Tanzânia, encontramos uma paisagem que varia entre o deserto e a savana, com relativamente poucas áreas de floresta. Contudo, a cerca de 7-8 milhões de anos o clima era diferente. As chuvas eram muito mais abundantes, e as florestas se espalhavam por várias regiões, haviam mais rios e os lagos eram maiores.



Nesse ambiente viviam os ancestrais da maioria dos animais que ainda encontramos naquele território, como antílopes e hienas, além de vários que se extinguíram.

Figura 2: Savana atual. Foi em uma paisagem parecida com essa que os primeiros hominídeos surgiram.

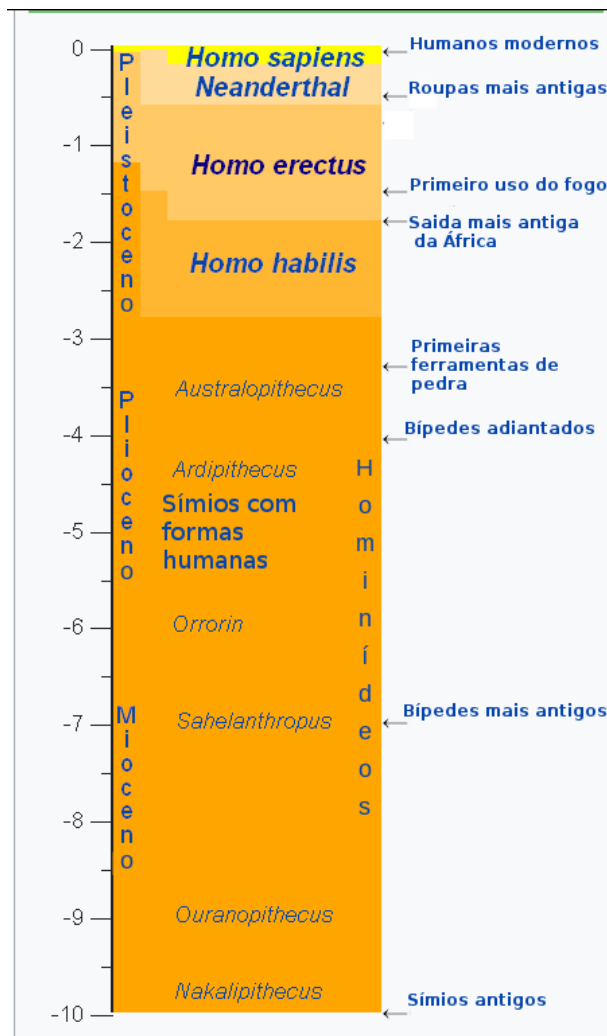
Por volta dessa época, entre 7 e 10 milhões de anos, se separaram as linhagens que dariam origem aos grandes primatas africanos atuais, o gorila, o chimpanzé... e o homem.

Assim, emergiu nesse espaço da África, a cerca de 7 milhões de anos, uma linhagem de primatas com uma característica que a diferenciou de seus outros parentes, e que seria um traço de distinção importante de nossos ancestrais: a **bipedia**.

No ano de 2001, foram descobertos fósseis de uma nova espécie de primata, datados de aproximadamente 7 milhões de anos, e que foi chamado de *Sahelanthropus tchadensis*. Em 2000, antes da descoberta do *Sahelanthropus*, mas tendo vivido cerca de 1 milhão de ano após este, um outro primata havia sido descoberto, chamado de *Orrorin tugenensis*.

Estas duas espécies são, enquanto não surgirem novas descobertas, os mais antigos hominíneos a caminhar de modo sustentado sobre duas pernas. Com diversas ossadas descobertas entre as décadas de 1980 e 1990, o *Ardipithecus ramidus*, viveu há aproximadamente 4,8-4,1 milhões de anos, na região de Awash na Etiópia, que na época era úmida e arborizada. Em 2001 outra espécie, o *Ardipithecus kadabba*, foi descoberta na depressão de Affar, também na Etiópia, tendo vivido entre 5.5 e 5.7 milhões de anos.

Até pouco tempo atrás, acreditava-se que o caminhar ereto havia surgido como uma



adaptação à vida nas savanas. Contudo, a região onde viveram o *Sahelanthropus* e o *Orrorin*, e também ambos os *Ardipithecus*, embora sejam hoje desérticas, na época, eram ocupadas por florestas.

Essas descobertas significam que a teoria da evolução está errada?

Ao contrário, como explicado no quadro da página 15, as teorias científicas estão constantemente sendo testadas e corrigidas, de modo que nosso conhecimento se aproxima cada vez mais do modo como o mundo realmente funciona.

Entre as características que compartilhamos com quase todos os outros primatas existe uma que merece destaque: nossas mãos são dotadas de polegares opositores.

Embora praticamente todos ou outros primatas possuam em suas mãos dedos

polegares, e muitos também os possuam nos pés, somos a espécie que possui a maior capacidade de manipular objetos usando as mãos, podendo executar tarefas tão variadas e delicadas quanto empunhar um martelo, modelar um vaso de cerâmica, costurar uma peça de roupa ou realizar uma cirurgia.

Nosso andar bípede e nossa habilidade manual estão intimamente relacionados. Por não depender mais das mãos para a locomoção, agora poderíamos usá-las para segurar e manipular coisas, desde objetos mundanos encontrados no próprio ambiente, mas que



Figura 4:
Sahelanthropus tchadensis.

poderiam ser uteis, como rochas e galhos, que poderiam ter diversas utilidades, até para carregar no colo os bebês, durante as caminhadas pelas florestas e savanas.

Estes nossos ancestrais, já começavam a se parecer fisicamente conosco, mas ainda eram muito semelhantes aos nossos primos atuais, chimpanzés e gorilas. Basicamente a maior diferença entre um Sahelanthropus e um chimpanzé estaria na capacidade de andar sobre duas pernas de modo permanente do primeiro. Mesmas espécies posteriores, como o Orrorin e o Ardipithecus, se olhadas de relance, poderiam ser confundidas com um chimpanzé. Estariam vivendo em florestas, provavelmente passando longos períodos de

tempo no alto das árvores.

Os cientistas sabem hoje que chimpanzés utilizam diversas ferramentas simples no seu ambiente, como galhos finos para capturar cupins, podendo até mesmo apará-los para caber em um buraco ou fazer cerdas nas pontas usando os dentes, de modo a capturar mais insetos de uma vez. Se forem ensinados, são capazes, inclusive, de compreender a utilidade de lascar uma pedra. Contudo, a anatomia de suas mãos não permite que realizem estes trabalhos de modo preciso.

Nossos ancestrais, por outro lado, tinham mãos muito mais parecidas com as nossas, e portanto, mais preparadas anatomicamente para criar ferramentas elaboradas, ao invés de apenas utilizarem qualquer objeto que encontrassem no ambiente ao seu redor.

Contudo, vale salientar que essa transformação não foi rápida.

E em algum momento da nossa história, ultrapassamos o estágio em que apenas segurávamos um pedaço de rocha, para usá-lo como martelo, por exemplo, partindo uma noz ou quebrando um osso.

Um de nossos ancestrais talvez tenha descoberto que se batesse uma pedra em outra poderia alterar sua forma, tornando-a mais afiada. Isso poderia ser muito útil para uma criatura que não possuía garras, mas que agora poderia rasgar o couro ou a carne de um animal morto que ele tivesse a sorte de encontrar. Além disso, e talvez mais importante, este inventor pré-histórico foi capaz de passar esse conhecimento adiante.

Existe uma distância considerável no tempo, entre aqueles

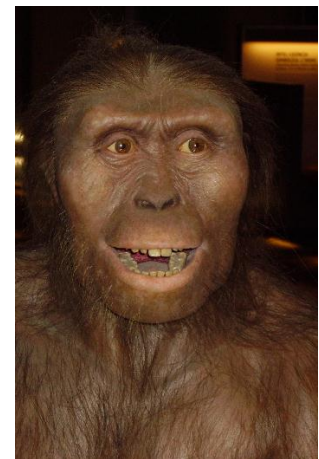


Figura 5:
Australopithecus afarensis.



Figura 6: Detalhe do mapa da África, mostrando a área do *Rift Valley* e dos Grandes lagos.

que são provavelmente nossos primeiros ancestrais bípedes, *Sahelanthropus*, *Orrorin* e *Ardipithecus* e aqueles que os registros fósseis indicam que foram nossos primeiros antepassados a produzir instrumentos de pedra.

Estes primatas, anatomicamente um pouco mais próximos de nós, pertencem ao gênero que chamamos de *Australopithecus*, que compreende várias espécies. Ao nos referirmos ao gênero como um todo podemos chamá-los também de *Australopitecíneos*.

Nas mesmas localidades onde foram encontrados fósseis de *Australopitecíneos* os paleontólogos encontraram objetos que pareciam ter sido trabalhados com uma intenção específica, em sítios datados de cerca 3 milhões de anos, na região do **Vale do Rift**.

Entre 3 e 2 milhões de anos o clima mudou, se tornando globalmente mais frio. Na África, as chuvas se tornaram menos frequentes e a paisagem mais quente e seca; as grandes áreas de florestas deram a lugar às savanas. De modo geral o ambiente africano se tornou bem mais parecida com a atual.

Tanto o *Sahelanthropus*, quanto os primeiros *Australopithecus*, apesar da postura bípede, levavam ainda uma vida parcialmente arborícola. Com as mudanças climáticas, e ecológicas que daí decorreram, o caminhar ereto se mostrou uma vantagem, já que cada vez mais a savana substituía as florestas.

Ao caminharem erguidos, tornava-se mais fácil ver a aproximação de um predador a distância, e se fosse preciso, mesmo um *Australopithecus*, com cerca de



Figura 7: Um bonobo, umas das duas espécies de chimpanzé que existem atualmente, utiliza uma vareta para “pescar” cupins em seu ninho, no zoológico de San Diego, nos EUA.



Figura 8: Aparência atual da Garganta de Olduvai, na Tanzânia. Lugar onde foram feitas diversas das mais importantes descobertas sobre os primeiros ancestrais da espécie humana.

um metro e meio de altura, poderia elevar sua postura, erguer e agitar os braços, o que o faria parecer maior, e poderia intimidar um predador. Havia também a vantagem de poder arremessar pedras e galhos e correr ao mesmo tempo.

A competição pela sobrevivência nas savanas era diferente das florestas, e uma característica que havia surgido em um outro contexto permitiu

que uma linhagem específica de primatas não apenas sobrevivesse às mudanças, como fosse capaz de prosperar cada vez mais.

Primeiros “Artesãos” Existe uma diferença grande entre usar qualquer pedra ao alcance da mão para quebrar uma casca mais dura, e, de maneira deliberada, modificá-la, percutindo duas rochas para conseguir algumas lascas, que pudessem servir para raspar e rasgar.

Existe uma diferença grande entre usar qualquer pedra ao alcance da mão para quebrar uma casca mais dura, e, de maneira deliberada, modificá-la, percutindo duas rochas para conseguir algumas lascas, que pudessem servir para raspar e rasgar.

Como já vimos, chimpanzés são capazes de utilizar galhos para facilitar certas tarefas, embora a anatomia de suas mãos não permita que executem trabalhos complexos. Isso nos mostra que não é necessário um cérebro especialmente grande e complexo para ter a capacidade de criar uma ferramenta, embora ateste a necessidade de possuir uma anatomia adequada.

Os mais antigos sítios onde foram encontrados algo que podemos chamar de ferramentas, alguns seixos lascados, datam de aproximadamente de 2,5 milhões de anos, talvez até mesmo 3 milhões, na região de **Olduvai**, na Tanzânia. Seu achado está

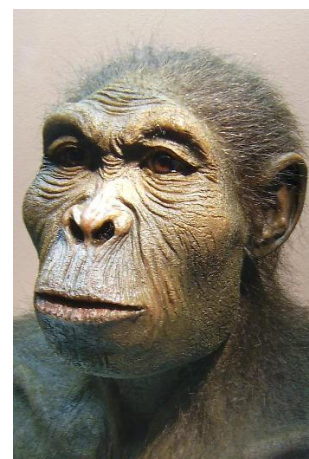


Figura 9: *Homo habilis*

associado ao *Australopithecus garhi*, uma das várias espécies de *Australopithecíneos*.

Apesar de ser possível relacionar a criação de ferramentas de pedra ainda aos *Australopithecus*, é a partir do surgimento do gênero *Homo* que podemos mapear um desenvolvimento e uma transformação deliberada, portanto também o início de uma história.

Na árvore da nossa evolução, o galho que deu origem ao gênero *Homo* surge a partir do ramo dos *Australopithecíneos*.

Aproximadamente há 2 milhões de anos, aparece uma criatura em que os cientistas identificam algumas mudanças significativas, suficientes para classificá-lo em um novo gênero. Este primeiro humano foi batizado de *Homo habilis*, que significa “homem hábil”,

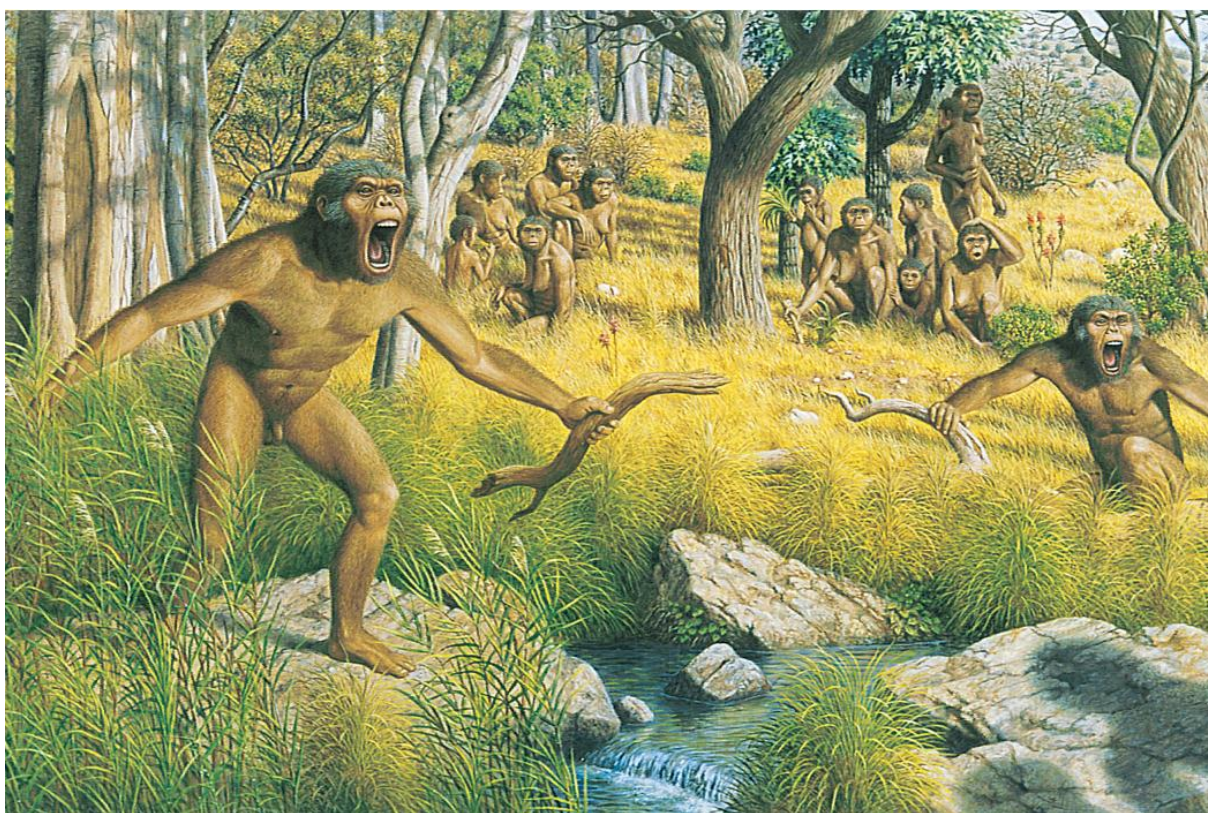


Figura 10: Família de *Australopithecus*

justamente porque foi atribuído a ele a criação dos primeiros instrumentos de pedra.

Como já dissemos acima, pelo menos uma espécie de *Australopithecíneo*, o *A. garhi*, foi encontrada ao lado de ferramentas de pedra que são entre 100 e 200 mil anos mais antigas que o *H. habilis*. A esta primeira “manufatura”, chamamos indústria lítica, ou seja, a indústria da idade da pedra.

Mas por que é tão importante saber fabricar ferramentas?

Uma característica marcante das savanas é que, para um animal acostumado a uma vida nas florestas, onde há uma abundância de alimentos de origem vegetal razoavelmente nutritivos, esta é relativamente pobre em recursos, com a vegetação constituída

predominantemente por gramíneas, e árvores muito dispersas. Por isso, uma estratégia importante de sobrevivência foi a utilização de uma fonte de alimento que era razoavelmente comum e acessível, além de muito nutritiva: carniça.

Para um animal relativamente grande, com cerca de 1,5 metro de altura, como o *Australopithecus*, que era capaz de agir em grupos, de utilizar suas mãos, atirar paus e pedras, de modo a espantar outros competidores, como hienas e chacais, carregar consigo pedaços de carne até um abrigo seguro, os restos de refeições de grandes predadores era uma fonte formidável de calorias. Nesse momento, ao ter que agir rápido para roubar seu pedaço de carne de outros carniceiros, uma pedra afiada seria muito útil, pois permitiria rasgar a carne com facilidade.

Podemos encontrar uma estratégia de sobrevivência diferente em uma espécie próxima, e que se extinguiu. O Paranthropus faz parte da família dos Australopithecíneos, mas de uma linhagem paralela aquela que daria origem a espécie humana. Seu nome mesmo significa “Paralelo ao Homem”.

Assim como nossos ancestrais diretos, de quem foram contemporâneos, eles habitavam as savanas, estando perfeitamente adaptados para caminharem sobre duas pernas. Mas, diferentemente dos *Australopithecus*, eles se alimentavam principalmente de plantas.

É possível saber isto pelo formato de seu crânio, que, de maneira semelhante à do gorila atual, que também é herbívoro, possuía no topo uma crista que servia para prender os

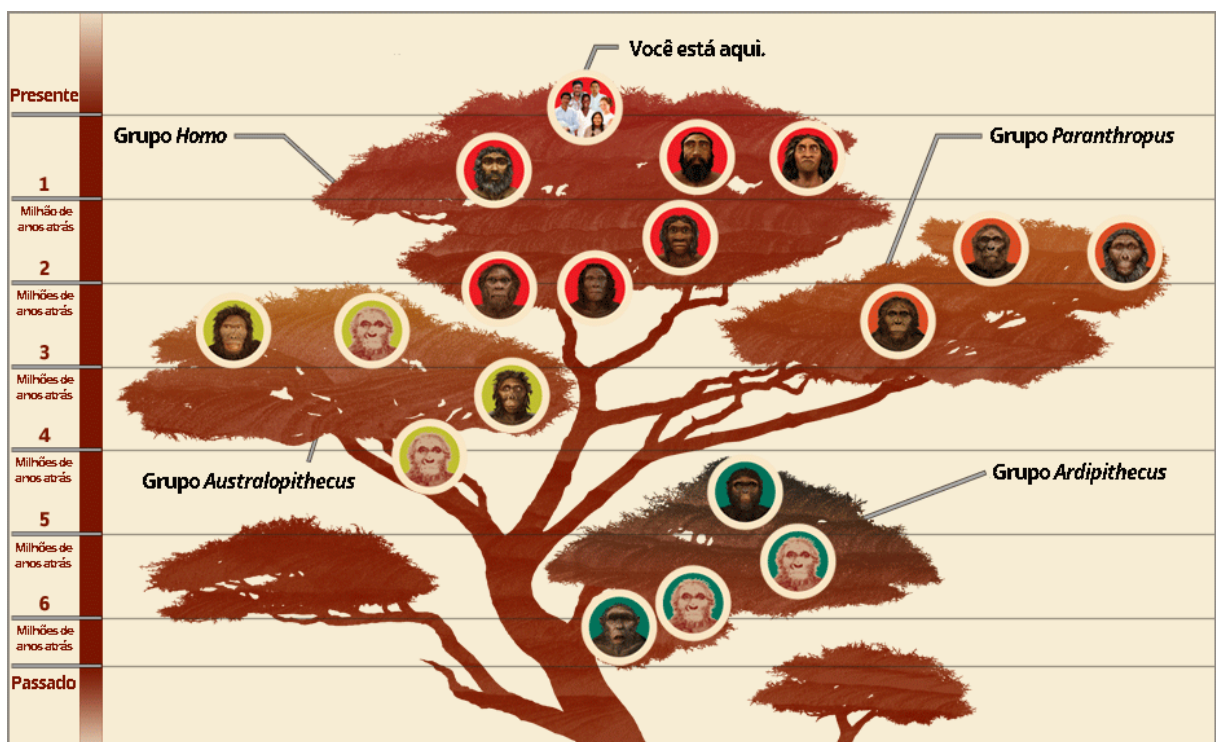


Figura 11: Árvore da Evolução Humana.



músculos da mandíbula, que precisavam ser muito fortes, além de dentes grandes, quando comparados aos de seus parentes, além de algumas outras adaptações.

Embora os *Australopithecus* e os *Paranthropus*, tenham vivido mais ou menos na mesma região e ao mesmo tempo, quando o segundo se extinguiu, há cerca de um milhão de anos atrás, seu cérebro era praticamente do mesmo tamanho de quando surgiu, 1 milhão e meio de anos antes, enquanto seu parente, que possuía uma dieta mais variada e nutritiva, daria origem a linhagens com cérebros cada vez maiores, e que existem até hoje. Atualmente, entre 20% e 30% da energia que ingerimos são usadas para manter funcionando nosso grande cérebro.

Figura 12: Seixo lascado encontrado na região do Saara.

Vimos até aqui várias características importantes para compreender a evolução dos Humanos: caminhar bípede permanente, mãos capazes de manipular objetos com precisão, uma dieta onívora, capaz de fornecer energia para cérebros que se tornavam progressivamente maiores. Os fósseis nos permitem saber muitas coisas sobre o passado, e desvendar a história de nossos mais antigos antepassados, mas, infelizmente, existe um limite para o que podemos descobrir, pela própria dificuldade de se fazer novas descobertas, que muitas vezes dependem da sorte para acontecer.

Os fósseis nos permitem saber muitas coisas sobre o passado, e desvendar a história de nossos mais antigos antepassados, mas, infelizmente, existe um limite para o que podemos descobrir, pela própria dificuldade de se fazer novas descobertas, que muitas vezes dependem da sorte para acontecer.

Os paleoantropólogos precisam muitas vezes buscar indícios indiretos para tentar compreender melhor o modo como vivam as espécies antigas. Felizmente, além dos próprios ossos fossilizados, eles deixaram alguns outros sinais de sua existência, como as próprias ferramentas de pedra, e quando as condições de preservação foram muito favoráveis, como no interior de uma caverna, até restos de comida, ou ferramentas menos resistentes, feitas de osso e madeira, e que normalmente não deixam registro de sua existência. A própria observação de animais vivos, principalmente nossos parentes mais próximos, ajuda a compreender como



Figura 13: *Homo ergaster*

podem ter vivido estas criaturas.

Um exemplo que já demos, foi a compreensão do modo de vida do *Paranthropus*, a partir de sua comparação com o gorila.

Homem “Trabalhador”

Há um milhão e seiscentos mil anos, nas margens do Lago Turkana, localizado onde hoje é o Quênia, um menino, quase adolescente, morreu nas águas rasas de um rio. Ele tinha provavelmente 9 anos de idade, cerca de 1 metro e sessenta de altura. Era esguio, com braços e pernas longos.

Seu esqueleto foi achado em 1984, e é um dos restos mais antigos e completos já encontrados, além de

uma das descobertas científicas mais importantes na história do estudo da pré-história humana.

Após milhões de anos em que os *Australopitécíneos* foram nossos ancestrais mais prósperos, o próximo passo importante em nossa evolução foi o aparecimento de um novo membro na família: o *Homo ergaster*.

Mais parecido conosco do que o Homo habilis, foi provavelmente o primeiro de nosso gênero a controlar o fogo. Seu nome pode ser traduzido como “Homem Trabalhador”. Existe uma controvérsia se o *H. ergaster* seria nosso ancestral direto, ou se ele seria antecessor do *H. erectus*. Ambos são fisicamente muito parecidos, o que ajuda a confundir os cientistas.

Com seu domínio do fogo, foi o primeiro hominídeo a se aventurar fora da África, alcançando a Europa, Ásia e partes da Oceania. Por conta dessa sua característica de viajante alguns cientistas propõem que aqueles que permaneceram na África, e que como consequência nos deram origem, sejam considerados *H. ergaster*, enquanto os outros, que se espalharam pelo mundo, dando origem a linhagens que não sobreviveram, são classificados como *H. erectus*.

O Homem “Sábio”

Durante aproximadamente 1 milhão e meio de anos o *H. ergaster* prosperou no continente africano, até que, cerca de 200 mil anos atrás surgiu um ser ligeiramente diferente, com um grande cérebro, dentes pequenos e mãos hábeis; que dominava o fogo e era capaz de

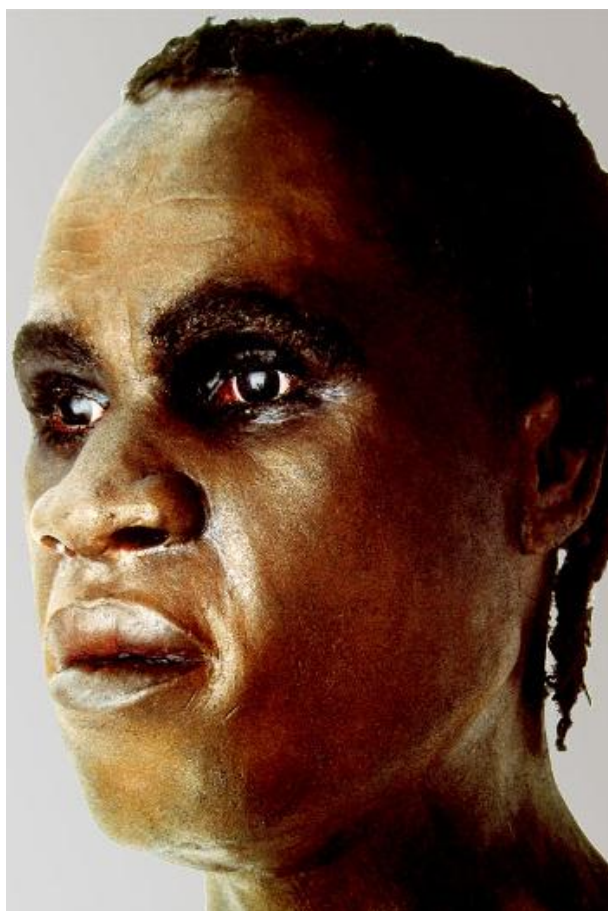


Figura 14: A imagem é a reconstituição da possível aparência da "Eva Mitocondrial". Que seria a mais antiga ancestral comum de toda a espécie humana pela linhagem materna.

criar ferramentas de pedra, osso e madeira; vivia pelas savanas e florestas, se alimentando não mais da carniça abandonada por outros predadores, mas ele próprio era capaz de abater suas presas, que podia pescar peixes nos rios e lagos, além de coletar os vegetais, frutas e raízes que fosse capaz de encontrar.

Esta nova criatura, até onde sabemos a mais inteligente a andar por esse planeta, recebeu o nome de *Homo sapiens*.

Se você for agora até um espelho e olhar nele de frente poderá ver uma dessas criaturas, viva!

Na verdade o *Homo sapiens*, tornou-se o mamífero mais bem-sucedido. Mesmo não possuindo grandes adaptações físicas, como garras, cascos, carapaças ou asas, foi capaz, graças a sua inteligência e versatilidade, de colonizar todos os cantos

do mundo.

Contudo, desde seu aparecimento, foram necessários 200 mil anos para que chegássemos em nosso estágio atual de desenvolvimento. Os primeiros de nossa espécie levavam uma vida muito parecida com a de seus antepassados, que muito provavelmente seria o *Homo ergaster/erectus*.

Basicamente eram caçadores e coletores, vagando pelas savanas e florestas africanas. Por muito tempo, praticamente 3 quartos do tempo em que existe, ou seja, 150 mil anos, não criou nenhuma grande inovação técnica. Seus instrumentos de pedra eram muito parecidos aos que já eram utilizados há milhões de anos. A principal característica que nos distingue de nossos antepassados, e parentes próximos como **Neandertais** (que se desenvolveram na Europa), e **Denisovanos** (que viveram na Ásia), é que nossa vida, em praticamente todos os seus aspectos, é marcada pela atribuição de significados, de valores simbólicos e subjetivos. Essa não é uma característica que carregamos desde o nosso aparecimento, mas que parece ter

surgido há apenas 50 mil anos, talvez um pouco antes, e representou uma verdadeira revolução em nosso modo de vida.

A principal característica que nos distingue de nossos antepassados, e parentes próximos como **Neandertais** (que se desenvolveram na Europa), e **Denisovanos** (que viveram na Ásia), é que nossa vida, em praticamente todos os seus aspectos, é marcada pela atribuição de significados, de valores simbólicos e subjetivos. Essa não é uma característica que carregamos desde o nosso aparecimento, mas que parece ter surgido há apenas 50 mil anos, talvez um pouco antes, e representou uma verdadeira revolução em nosso modo de vida.

É graças a nossa capacidade de criar representações que pudemos conhecer a realidade, ter consciência do mundo e de nós mesmos; é por sermos capazes de atribuir valores subjetivos que criamos obras de artes ou compomos músicas; que passamos a cuidar de nossos mortos, criando religiões que tentam não apenas explicar quais são nossas origens, mais se haveria algum destino especial a nos aguardar após a morte.

Enquanto o ser humano se desenvolvia nas savanas africanas, aos poucos, suas famílias tornavam-se maiores, formando comunidades cada vez mais complexas, e essa complexidade fazia surgir novas necessidades e pressões seletivas.

Os indícios encontrados pelos paleoantropólogos apontam que nossos antepassados já eram criaturas sociais, trabalhando em grupo para conseguir comida e se proteger de predadores, e portanto já deveriam ter algumas formas rudimentares de comunicação. Poderiam, durante uma caçada, coordenar seus movimentos, indicar uma direção, contudo, não eram capazes ainda de uma comunicação complexa.



Figura 15: Bloco de rocha com inscrições geométricas, encontrado em *Blombos cave*, na África do Sul. Com idade estimada em 70 mil anos.

história que vimos até aqui: no início alguns primatas que habitavam as florestas africanas desenvolveram a capacidade de andar de modo permanente sobre as pernas traseiras, liberando assim suas mãos.

Resumindo brevemente a história que vimos até aqui: no início alguns primatas que habitavam as florestas africanas desenvolveram a capacidade de andar de modo permanente sobre as pernas traseiras, liberando assim suas mãos.

Encontraram nas carniças, deixadas pelos predadores das savanas, uma fonte de alimento rica em calorias. A abundância de

Nossa capacidade de falar de modo articulado, de criar uma língua sofisticada, que pode expressar ideias abstratas, surgiu, provavelmente, junto da capacidade de criar representações. Podemos dar um destino a um ente morto de nossa família através de uma cerimônia, e possuímos uma linguagem complexa que permite que digamos o quanto o amávamos. Resumindo brevemente a



Figura 16: Tablete de pedra, encontrado na caverna Apolo 11, na Namíbia, com silhueta de um animal não identificado. Tem a idade estimada de em 25 000 anos.

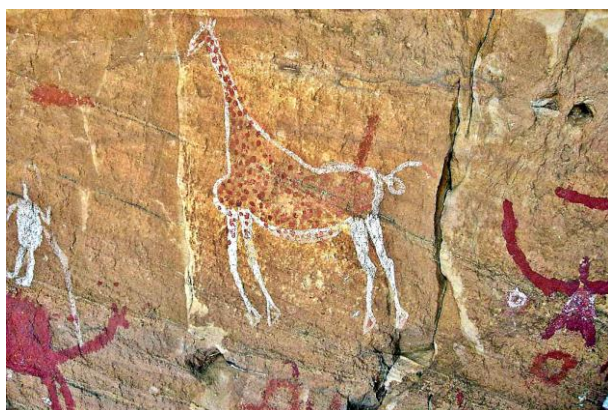


Figura 17: Pintura rupestre em Tadrart Acacus, no oeste da Líbia. Com aproximadamente 12 mil anos.

energia permitiu que seu cérebro se tornasse progressivamente maior. Sua inteligência aumentou, e suas mãos hábeis permitiram que ele criasse ferramentas simples, mas que garantiam uma vantagem importante na hora de obter comida. Vivendo em bandos, e cada vez mais inteligente, descobriram como criar e controlar o fogo, puderam usar suas ferramentas para não apenas roubar carniças, mas ativamente se tornarem caçadores.

De modos variados, quase todas essas características podem ser encontradas em diferentes graus no mundo animal. Aquelas que concluem o que chamamos de processo de Hominização ocorreram apenas nos últimos duzentos mil anos.

Primeiro surgiram os seres humanos anatomicamente modernos. Em nada diferentes de mim, você ou qualquer outra pessoa. Mas, finalmente, a última grande transformação se deu não na aparência física, mas dentro da própria mente, quando surge o homem comportamentalmente moderno, cerca de cinquenta mil anos atrás.

Mas, finalmente, a última grande transformação se deu não na aparência física, mas dentro da própria mente, quando surge o homem comportamentalmente moderno, cerca de cinquenta mil anos atrás.



Figura 18: Vista aérea do Lago Nakuru. Um dos lagos de água alcalina encontrados no Rift Valley. Está localizado no Quênia.

Novos modos de viver

Aproximadamente há 8-10 mil anos, o clima no continente africano era mais úmido do que atualmente. Os lagos eram maiores e mais numerosos. Além deles, muitas outras fontes de água, como rios e até mesmo pântanos, permitiram que se desenvolvesse uma sociedade baseada na

exploração dos recursos que esse novo ambiente permitia.

Essa “Civilização Aquática” floresceu à margem dos grandes lagos, prosperando de tal maneira que pode iniciar um processo de sedentarização. Seu modo de vida ligado aos abundantes recursos disponíveis junto aos cursos d’água, foi marcado pelo desenvolvimento de avançadas técnicas de pesca e de construção de embarcações

Por todo o continente africano, na Bacia do Chade, no Nilo Médio, no Vale do Rift da África oriental e equador; em Ishingo, na margem congoleza do lago Eduardo; lago Turkana e Nakuru se desenvolveram diversas comunidades de pescadores.

Dessas, um dos sítios mais importantes para os pesquisadores fica na proximidade do lago Nakuru, foi denominado “*Gamble's Cave*”, um abrigo de sob a rocha.

Vimos acima, como mesmo a fabricação de ferramentas simples foi de grande



Figura 19: Arpão de osso encontrado em Katanda, no Congo. Tem cerca de 90 mil anos.

importância durante nossa evolução. Com as possibilidades de inovação surgidas durante esse período de prosperidade, o desenvolvimento de novas tecnologias, como pontas de arpão esculpidas em osso e cerâmica alcançou grandes proporções.

As margens dos lagos da África oriental, ao longo do Nilo Médio e do Saara, o desenvolvimento da “civilização aquática” foi datada entre 8 e 5 mil anos. A fabricação de cerâmica deve remontar há 6 mil anos, o que a deixa como a mais antiga da África, e entre as primeiras do mundo. A magnitude da expansão dessas populações e a rapidez com que ocorreu, aliadas à complexidade tecnológica desse novo modo de vida, demonstram seu avanço cultural e sofisticação aquele

período úmido.

A magnitude da expansão dessas populações e a rapidez com que ocorreu, aliadas à complexidade tecnológica desse novo modo de vida, demonstram seu avanço cultural e sofisticação aquele período úmido.

Com suas características distintivas e suas realizações foram capazes de manter instalações comunitárias maiores e mais estáveis do que as de quaisquer outras civilizações anteriores. Esses fatores propiciaram não só o crescimento demográfico, como também a criação de um novo ambiente social e intelectual, caracterizado por um artesanato complexo, indispensável a fabricação de embarcações, arpões, cestas e cerâmicas, e pelo modo de vida mais complexo que o uso desses objetos indica.

O papel da cerâmica é particularmente importante, pois, por ser frágil, tem uma utilidade limitada para sociedades nômades. Para as comunidades permanentes e organizadas, no entanto, a cerâmica tem um significado carregado de civilização, permitindo uma maior versatilidade, com a introdução ou aperfeiçoamento dos modos de preparar e cozinhar alimentos.

A partir de aproximadamente 5 mil anos antes da Era Comum houve um ressecamento geral do clima. O nível dos lagos baixou e a economia de exploração dos recursos aquáticos sofreu declínio.

IV – O racismo nas representações da evolução do Homem.

Na introdução dessa unidade você viu como, ao longo de nossa história, a humanidade procurou encontrar explicações para o funcionamento do mundo e sua origem.

Cada povo e sociedade, ao contar suas lendas e mitos de origem, de maneira geral, sempre se

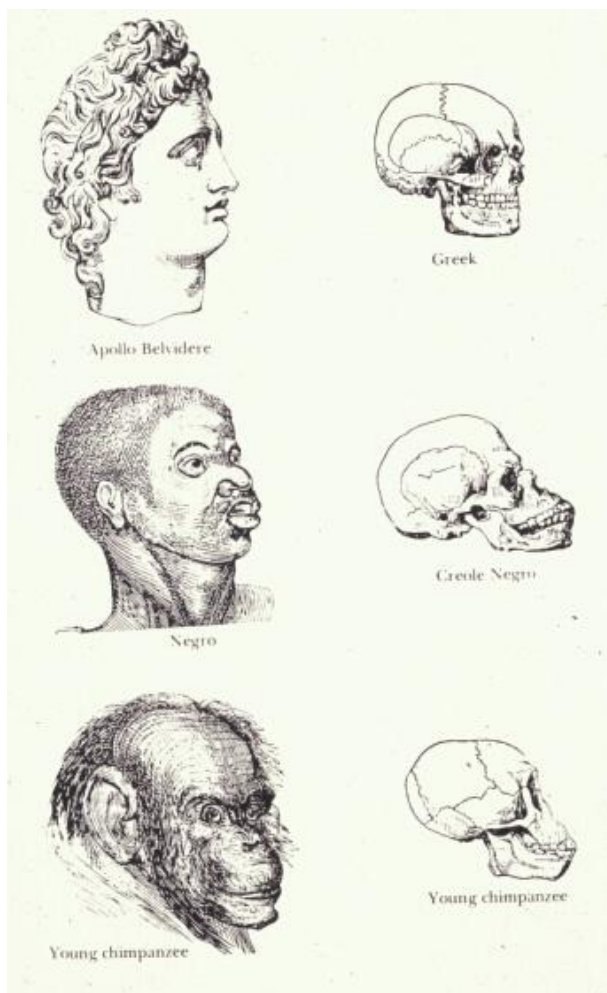


Figura 20: Exemplo de ilustração utilizada para justificar a suposta inferioridade dos negros. Nela a imagem do crânio do chimpanzé é representada desproporcionalmente grande, enquanto a do homem negro tem a mandíbula aumentada, para dar a impressão de primitivismo.

viu como o centro da criação. Assim, os povos vizinhos, que possuíssem línguas e costumes, religiões e culturas diferentes, que tivessem diferentes feições, fossem mais altos ou baixos, sua pele e seu cabelo mais claros ou escuros, frequentemente não eram vistos como seres iguais. Esse tipo de visão é conhecida como “etnocentrismo”, o que significa considerar o próprio grupo de que se faz parte, seja ele um clã, povo, tribo ou etnia, como mais importante, ou superior, a qualquer outro. Do mesmo modo como uma pessoa egocêntrica vê em si o centro do mundo, no etnocentrismo a pessoa é substituída pelo povo, ou comunidade. Enquanto não havia ainda o conceito de Humanidade, de que toda pessoa, independente de qualquer característica física, cultural ou social, de credo, ideologia ou nacionalidade é igual em direitos, foi o etnocentrismo que, principalmente, determinou as relações entre as pessoas e povos.

Enquanto não havia ainda o conceito de Humanidade, de que toda pessoa, independente de qualquer característica física, cultural ou social, de credo, ideologia ou nacionalidade é igual em direitos, foi o etnocentrismo que, principalmente, determinou as relações entre as pessoas e povos.

Assim, desde a antiguidade, a humanidade procura meios de compreender e sistematizar o mundo natural. O filósofo grego Aristóteles, por exemplo, classificou os seres

vivos em Plantas e Animais, e os animais foram subdivididos a partir do meio em que se moviam, isto é, água, terra e ar. Esse sistema foi utilizado durante vários séculos, até que, após o renascimento, novos meios de classificar os seres vivos, conforme aumentávamos o nosso conhecimento sobre o mundo, passaram a ser procurados.

No século XVIII o naturalista sueco **Carl von Linné** (em português podemos escrever “Carlos Lineu”) aprimorou um sistema de classificação que usamos para nomear os seres vivos, em que cada espécie possui um *Nome* e um *sobrenome*.

Ao fazer sua classificação dos seres vivos, Lineu incluiu a espécie humana, que recebeu um nome, assim como as outras espécies de animais: *Homo sapiens*. Para ele, no entanto, a espécie humana estaria dividida em raças, que, organizou de maneira hierárquica, na qual os europeus brancos seriam os mais evoluídos, estando no topo da hierarquia, enquanto os negros africanos seria os menos evoluídos, acima apenas dos animais.

Apesar de o etnocentrismo ser comum a toda a humanidade desde a antiguidade, apenas a partir do século XVII, com a sistematização científica dos conhecimentos sobre o mundo natural; a expansão capitalista e a instauração de extensos impérios territoriais, que ele passou a compor uma doutrina sólida, com o fim claro de justificar a dominação dos países europeus de todo o mundo.

Ao se imaginarem como o “povo” mais evoluído, e por isso um exemplo a ser seguido, os europeus se impuseram o “fardo de civilizar” os povos primitivos.

O que, é claro, significou apenas uma justificativa para legitimar a exploração, e a opressão, que realizaram.

Todos os povos são igualmente capazes de realizar as mais nobres ações, assim como as mais terríveis. A história do século XX nos mostra como os europeus, apesar de sua autodeclarada superioridade, física e moral, mergulharam o mundo nos mais sangrentos conflitos da história humana.

Apenas após a II Guerra Mundial, e a descoberta dos horrores realizados pelos nazistas, é que, em 1948, foi feita a Declaração Universal dos Direitos Humanos, e se desqualificou as doutrinas racistas.

Apesar de toda a desconstrução que se realizou no campo das ciências, e que repercutiu nos grandes meios de mídia, os preconceitos raciais permanecem fortes no meio de todas as sociedades. Não existe mais, na ciência, qualquer legitimação ao racismo, embora possam haver cientistas racistas. Do mesmo modo, apesar de que, se se perguntar a qualquer pessoa, ela será enfática ao condenar o racismo, essa negação não parece ter produzido frutos significativos nos valores coletivos. Podemos ver a forte persistência do racismo no cotidiano,

em todas as partes do mundo.

Como você viu ao longo desse capítulo, toda a humanidade tem sua origem na África. Se considerarmos todos nossos ancestrais diretos, desde o *Sahelanthropus*, durante 99,75% de nossa história fomos todos africanos.

Enquanto o *Homo sapiens* prosperava no continente africano, sua população aumentava, e aos poucos se dispersava. Ao nos espalharmos, ocupando novos territórios, na Europa, Ásia, e finalmente a América, fomos nos adaptando aos diferentes climas. Nas regiões onde a incidência do sol é menor a pele se tornou mais clara, em regiões muito altas, onde o ar é rarefeito, o sangue passou a ter mais glóbulos vermelhos.

Desde que saímos da África, há aproximadamente 60 mil anos, e nos espalhamos por todo o globo, estamos constantemente nos adaptando, fosse à vida em áridos desertos, densas florestas, ilhas isoladas ou altas montanhas.

Mas ainda hoje, é na África, o berço da humanidade, que encontramos a maior variedade genética de todas as populações.

Parte III – Portfólio.

Histórias de Vida e memórias

Vivemos em uma sociedade profundamente marcada pelo preconceito e pelo racismo que se manifestam de diversas formas no nosso cotidiano, alguns sutis, outros nem tanto, mas todos eles prejudiciais tanto para os indivíduos que estão cotidianamente submetidos a ele quanto para a sociedade em geral, que conhece, quando não retrocessos, muitas vezes a estagnação, no que se refere a aplicação de direitos básicos e da cidadania.

No nosso dia a dia, entre a família, amigos e trabalho testemunhamos, por vezes até reproduzimos, esses comportamentos, que estão tão profundamente enraizados na sociedade.

O racismo se expressa no número gritante de jovens negros submetidos diariamente a condições de violência, em que são eles os principais mortos em confrontos (muitas vezes forjados) com a polícia; eles que são presos, tantas vezes sem que haja provas ou sequer um julgamento; quando garotos negros são barrados em shoppings (rolezinhos); quando são seguidos por seguranças em supermercados; quando seus ritmos de música e dança são inferiorizados (hip-hop, funk), zombados, vistos como uma forma menor de cultura isso quanto não como algo contrário ao que se considera como “a verdadeira cultura”. As religiões de matriz africana, como Candomblé e Umbanda são sistematicamente perseguidas, principalmente por igrejas de linha neopentecostal, que associam essas religiões e seus praticantes a cultos satanistas.

Em suma, o racismo e a violência existem, mesmo que aqueles que a pratiquem o neguem sistematicamente. No Brasil o racismo que chamamos de racismo velado pode ser facilmente notado. Mudar esse quadro requer um esforço contínuo, de confronto, denúncia e desconstrução dos preconceitos e intolerâncias.

Historicamente sempre houve movimentos que buscavam resistir, unir e lutar por direitos, espaço e reconhecimento para as comunidades negras. Com muito esforço e luta o racismo se tornou crime inafiançável; foi implantada a política de cotas para o funcionalismo público e para o ingresso no ensino superior. Um importante passo dessa luta foi a implementação da lei 10.639/03 que introduziu a obrigatoriedade do ensino da história e cultura africanas e afro-brasileira na educação básica. Nascida da luta do movimento negro essa conquista representa um importante marco na batalha contra o racismo e também na (re) afirmação da identidade negra.

Pensando em um universo em que praticamente metade da população do país encontra sua ascendência no continente africano, a desconstrução da narrativa histórica tradicional,

profundamente eurocêntrica, abre a perspectivas de conhecer e de trazer para os alunos todas as possibilidades de um universo novo, que mostra e valorizada as inúmeras e inegáveis contribuições que todos os diferentes povos que para cá foram trazidos tiveram na construção da nossa identidade. É importante, fundamental, romper com o paradigma dominante que sempre inferioriza e relega ao segundo plano essa contribuição.

Pensando assim no papel do ensino, da escola e do professor, recai sobre esse último o papel, o dever e a responsabilidade de se comprometer com essa transformação, adquirindo o conhecimento necessário e mediando sua transmissão.

Existem, é claro, resistências a essas transformações. Dentro da própria sociedade, da família, da comunidade escolar, da sala de aula e até mesmo por parte dos próprios professores. Há o discurso de que a lei é desnecessária, ou exagerada, pois se o conteúdo é relevante será ensinado, o que é se não deliberada pelo menos ingenuamente falso. Muitos educadores veem esta lei 10.639 como apenas mais uma “invenção de moda” do governo. Ou ainda, algo irrelevante que só acarreta mais trabalho para os professores.

Romper um paradigma tão fortemente enraizado é impossível sem gerar conflitos. Desse modo acredito caber ao professor o papel de se entregar a essa tarefa, respaldado, escudado e comprometido com a lei.

Quando tomei conhecimento de que seria oferecido pela UFJF um curso de especialização em História da África vi uma oportunidade ímpar de me aprofundar em um campo de conhecimento que era até então de difícil alcance. Havia não apenas a perspectiva de poder acrescentar ao meu currículo um novo item, mas principalmente a possibilidade de adquirir conhecimentos e experiências que durante minha graduação não estiveram acessíveis. Era (é) uma chance de me posicionar politicamente, como professor e como cidadão, frente a todas essas questões que levantei, de conhecer não apenas a história dos povos e culturas africanos por uma perspectiva acadêmica, mas também aprender com as experiências relatadas pelos diversos professores e ainda com as trocas com os colegas do curso.

Boa parte das questões que levantei já havia expressado na minha carta de intenção, requisito para ingressar no curso, e fiz esse texto com a perspectiva justamente de reafirmar aquele pensamento. Antes havia para mim a perspectiva de conseguir um conhecimento novo sobre um tema que considero importante, pessoal e socialmente, e que foi não apenas confirmado, como excedeu minhas expectativas. Relatos como das professoras Gisela e Perses foram não apenas instrutivos como extremamente inspiradores e passaram exemplos de ações, e também de confrontos, que podem ocorrer no decorrer de práticas que rompam com o modo, e os conteúdos, tradicionais.

Concluo com a reafirmação da importância de ter consciência de que vivemos em uma sociedade marcadamente racista e carregada de preconceitos, que até hoje carrega as marcas de quase quatro séculos de escravidão.

I – Memórias

Quando eu estava no início da adolescência, por volta de 10 ou 11 anos, ou, pelo menos, é a partir dessa época que consigo me recordar, meu tio Manuel, irmão mais velho do meu pai, costumava “pegar para criar” algumas crianças. Não sei ao certo como funcionava esse processo, que não era uma adoção; talvez algo como um apadrinhamento. A questão principal, contudo, não é essa.

Todas essas crianças (acho que não há problemas hoje em dizer seus nomes: Igor, Douglas, Denílson e Fabiana), negras, e até onde me recordo carentes, pelo menos na época, eram “tratados como filhos”.

Enquanto meus avós foram vivos era costume que todo fim de semana os filhos, netos, sobrinhos, etc, que pudessem, pelo menos passassem pela casa deles. Alguns cumpriam esse costume quase religiosamente, incluindo meu pai e o tio “Mané”, entre outros (eram 11 irmãos vivos na época).

Assim, com a casa cheia de gente, e várias crianças, sempre chegava meu tio e sua “criança”.

Hoje eu gostaria de acreditar que desde aquela época o modo como as crianças eram tratadas me incomodava, mas não sou capaz de afirmar isso com convicção, por que a lembrança que tenho da minha consciência no passado é nublada pela do presente.

As crianças não eram maltratadas, embora minha tia os tratasse com mais rigidez do que eu via meus outros tios tratando qualquer um de meus outros primos, mas havia um tom, um modo, como todos os tratavam, particularmente o Denílson, que na época era o caçula, que entendo hoje como sendo racista.

Lembro do tom de voz do meu avô ao se referir a ele como “crioulinho”, ou algum dos meus tios o chamando de “macaquinho”, fazendo “piadas” com bananas ou sobre ele “não ter rabo”.

Nunca houve ninguém, e eram muitos em uma família de 11 irmãos, em que o caçula tinha a mesma idade do seu sobrinho mais velho, que em qualquer momento tenha questionado esses comportamentos, ou dito de qualquer modo que era algo errado.

Essa não é uma recordação muito fácil, embora não tenha sido uma experiência, para mim, naquele momento, traumatizante de alguma forma.

Uma percepção que tenho hoje é a do lugar social que sempre ocupei. Nunca passei pelo tipo de violência (hoje sei que aquele tratamento era uma forma de violência) que meus primos sofreram. Que pude ouvir nos relatos de diversos dos meus colegas do curso de especialização. Que vejo cotidianamente no noticiário.

Acredito que o racismo existe, e sei, hoje, que nunca fui vítima dele, mas ao contrário, por toda a vida fiz parte da parcela da população que o perpetua e manipula como ferramenta de poder. Minha vivência foi, em vários aspectos, quase diametralmente oposta à de vários de meus colegas de curso.

Não ter tido naquela época, entre meus 11 e 15 anos, a consciência do racismo e do preconceito que havia na relação da minha família, e a minha mesma, com meus primos, é algo que gera hoje em mim um sentimento contraditório de culpa, e da ausência dela.

Aquele racismo era deles, e meu também. Sei que eu não apenas deixava de questionar aquele comportamento, como também o reproduzia, não somente dentro das relações familiares, como na escola, com os amigos. Eu era racista ao chamar alguém de “negão”, “neguinha”, ao fazer piadas com o “cabelo de bombril” ou sobre a cor da pele, entre tantos outros comportamentos.

Esse é uma constatação óbvia: a sociedade é racista e todos que vivem nela vão ser tocados por ele, seja sofrendo suas consequências ou o reproduzindo. Logo, antes de tudo, acredito que é preciso ter capacidade, e vontade, de olhar para o lugar que se ocupa nesse conjunto e realizar uma ação consciente de se movimentar e romper com ele.

Somente ao perdermos a capacidade do pré-julgamento nos tornamos realmente capazes de estabelecer uma conexão verdadeira com o mundo ao nosso redor.

Romper com o racismo significou não a aquisição de uma consciência numa suposta “igualdade entre todos os Homens”, mas na compreensão das diferenças como elemento fundamental da formação humana.

Romper com a perpetuação do racismo implica em um exercício constante de auto-vigília, e também na vigília daqueles que me são próximos. Significa não apenas deixar de fazer piadas, ou alguns tipos de comentário, mas sempre questionar ao ver alguém reproduzindo esse tipo de comportamento. É não aceitar que um adulto possa chamar uma criança de “macaquinho” e simplesmente ficar silencioso diante de uma cena dessas.

II – Vida

Refletindo sobre o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira, posso perceber claramente, na minha formação, duas perspectivas: a de aluno e a de professor. A

primeira compreende praticamente toda minha experiência, desde a escola até a faculdade, embora esteja muito longe de ter estado presente em todos os momentos. O segundo pode ser resumido às ocasiões, até o momento, em que tive a oportunidade de exercer o magistério.

As duas experiências são complementares. Acredito que minha formação como professor, além obviamente dos conteúdos que absorvi durante a graduação, são fruto da minha experiência como aluno, desde o pré-escolar até finalizar o ensino médio, além da convivência com a família, amigos e no trabalho.

Mas essa dupla experiência é, acredito, limitada.

Nos anos da escola básica os conteúdos das aulas de história eram, bem, simplesmente os mesmos de sempre: basicamente a história da Europa, com algumas rápidas citações ao Egito e Oriente Próximo, e só se falava em África nos tópicos sobre escravidão e Apartheid.

Ou seja, o conteúdo “normal”.

Normal para mim pelo menos, que podia me identificar com aqueles personagens. Eu, um aluno branco, de classe média, entendia como normal saber a história de outras pessoas brancas que haviam vivido na Europa, que haviam colonizado a América, além de diversas outras partes do mundo. Aquilo era o normal, era o conteúdo que eu podia me identificar, sem nenhum tipo de reflexão mais profunda.

Saber algo sobre a África e sobre a sua história, sobre a vida das pessoas que lá viviam, não era necessário. Tudo o que bastava era que se dissesse que, em algum momento, os homens brancos “descobriram” a América, e precisando de mão de obra (já que os índios eram “preguiçosos e não gostavam de trabalhar”) foram buscá-la no continente africano. O Negro surgia na história. Mas logo tornava a desaparecer, ressurgindo apenas quando se falava sobre Palmares e Zumbi, sobre os Malês, ou, principalmente e com bastante ênfase, na abolição e no papel da princesa Isabel. Desapareciam de novo, retornando apenas (embora nem sempre) quando se dedicava algum capítulo do livro didático para falar sobre Martin Luther King e as lutas por direitos civis no EUA, ou sobre Mandela e o apartheid.

Entendo que há um limite nessa experiência, como disse antes, não apenas pela limitação do conteúdo que era oferecido, mas também pelo local social que eu me encontrava, e que era diferente, por exemplo, de meus colegas de escola. Eu me via representado naquela história, eles nem tanto.

Ao ingressar no curso superior a situação, que supostamente deveria ser melhor, na verdade seguiu praticamente o mesmo padrão.

Embora já tivesse sido aprovada a lei 10.639/03, dentro do curso de história levou algum tempo para as discussões sobre a inclusão de conteúdos voltados para o estudo da

história e cultura africana e afro-brasileira passassem a fazer parte do curso.

Na verdade, até o fim da minha graduação, apenas uma disciplina, na forma de tópico, foi oferecida com esse tema, por iniciativa de dois professores do departamento de história, nenhum dos quais, especialista no assunto.

Com o tempo, e a óbvia ampliação da demanda pela inclusão desses conteúdo, contudo, foram finalmente incluídas na grade do curso disciplinas voltadas para a história da África, com a contratação de professores especialistas.

Mais interessante, para mim, no entanto, foi a criação de um curso de especialização em história da África voltado para a formação de professores.

Acredito que a diferença entre o “eu” aluno e o “eu” professor está em compreender melhor que aquelas escolhas feitas sobre o que seria ou não ensinado, na escola e na universidade, não eram gratuitas, mas partiam de uma concepção de sociedade, mesmo que inconsciente, que privilegiava uma parcela específica da população. À outra parcela, descendentes daquelas pessoas que haviam sido escravizadas, caberia apenas uma história contada pela visão de outros.

O protagonismo da luta contra o racismo pertence àqueles que o sofrem. Meu papel, como professor, da forma como o entendo, é de ajudar a romper com essa cultura política. Minha experiência em sala de aula é limitada, mas aprendi, em grande parte graças às aulas do Pós-Afrikas, que no exercício de um magistério que vá de encontro com esses paradigmas haverá muita resistência. A Pós se torna muito importante, também, não por oferecer fórmulas prontas de como lidar com essas adversidades, mas ao me permitir acesso a um conhecimento que, acredito, me tornam muito mais capaz de lidar com eles do que eu poderia esperar ser um ano atrás.

III – Reflexão

Existe um mundo físico, composto pela paisagem, pelos seres vivos, plantas, animais, pessoas, e todas as formas com que estes podem se relacionar.

Existe um mundo social, no qual ocorrem as relações das pessoas entre si, com seu ambiente, dentro de suas comunidades e entre diferentes comunidades. Aqui estão a Cultura, as Religiões, os Costumes e Tradições.

Um mapa permite conhecer o espaço físico, paisagens, ecossistemas, a geografia, rios, vales montanhas, campos, desertos e florestas; Documentários podem mostrar a vida animal e as relações ecológicas.

Uma lenda, uma história, um livro, filme ou música, o folclore, os mitos e as religiões,

as artes plásticas; ter contato com tudo isso permite conhecer um pouco do mundo do outro.

Cada povo, comunidade, sociedade que existiu criou formas de se relacionar com seu mundo, e com seus indivíduos, cada um tem suas regras, seus costumes, seu modo de se relacionar com o sagrado e com o mundano. Existem, é claro, problemas. Alguns povos tinham costumes que, hoje, nós consideramos errados. Em uma determinada cultura era costume abandonar para morrer os bebês que nascessem com problemas físicos, em outra os gêmeos eram abandonados, em outras ainda os pais tinham o direito de, se quisessem, abandonar seus filhos com se fossem lixo, ou de vendê-los como escravos. Muitos realizavam sacrifícios humanos para seus deuses, que podiam ser prisioneiros de guerra, virgens, jovens ou mesmo crianças.

Os homens que escreveram a história que estudamos hoje eram, em sua maioria, de onde?

Estudamos sobre o Crescente Fértil e a Mesopotâmia, sobre a “origem” da civilização. Estudamos como ainda hoje eventos que ocorreram no Egito ou na Grécia antigos, há milhares de anos, nos influenciam. Resumidamente, estudamos a história da Europa e do que os historiadores europeus achavam importantes.

Podemos justificar isso por que boa parte da população brasileira descende de europeus, mas nem toda a população brasileira. Na verdade, hoje sabemos que, pelo menos, metade da população é composta de pessoas “pretas ou pardas”, ou seja, em sua grande maioria descendente de africanos que foram trazidos para cá a força para trabalharem como escravos.

Mas nós não estudamos essa história.

É fácil, por exemplo, falar sobre a cultura e a mitologia grega, ou nórdica. Esses são temas comuns na cultura pop, como em Histórias em Quadrinhos ou em filmes, mas compare o tamanho da Grécia, ou da Islândia, com o da África.

A primeira está localizada em uma península, a segunda é uma ilha, enquanto a África é um continente imenso, onde em cada uma de suas regiões podemos encontrar tantas histórias quanto em qualquer outro lugar do mundo.

Têm-se concepções imaginadas da história como uma linha graduada, com cada gradação correspondendo a uma etapa de desenvolvimento. Aplica-se e extrapola-se essa gradação a todas as culturas e civilizações, numa perspectiva “evolucionista”. Os povos partiriam de sociedade “menos desenvolvidas”, que deveriam ir se sofisticando até atingir a “modernidade”

Essa é uma perspectiva fundamentalmente europeia, criada por europeus e voltada

para sua própria história.

Quando os europeus se espalharam pelo mundo e encontraram povos muito diferentes deles próprios, criaram, na tentativa de entendê-los, categorias explicativas. Ou melhor, sobrepuseram às histórias daqueles povos as categorias que haviam criado para explicar suas próprias sociedades.

Assim, alguns povos viveriam ainda no que seria a “pré-história” (como alguns índios americanos), ou na “antiguidade”, como Incas, Astecas e Maias.

Existem, obviamente, no mundo muitas e variadas formas possíveis de entendê-lo e interpretá-lo, tanto sem seus aspectos naturais, físicos, biológicos, quanto nos sociais. Assim como cada povo tem sua história particular, e que não deve ser pensada como um estágio a ser superado rumo ao futuro, representado pela “superioridade” autodeclarada da Europa.

Práticas pedagógicas, intervenções e ações socioeducativas

No decorrer de minha experiência pessoal e profissional, como já citei em outras etapas desse trabalho, ficou claro tanto o preconceito a que estão submetidos cotidianamente a população negra no Brasil, quanto as dificuldades e resistências à tentativas de resgatar e valorizar sua cultura e história. Um passo importante nessa direção foi a criação da lei 10639/03 que estabeleceu a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas.

Acredito que desenvolver um trabalho que possa levar aos alunos novos conhecimentos sobre a história da África, seus povos, e toda a cultura e diversidade que trouxeram consigo quando vieram forçados para o Brasil, implica também em realizar uma desconstrução, tanto dos preconceitos que invariavelmente os alunos carregaram consigo, passando pelos conhecimentos falhos ou deturpados, fruto do descaso com o tema que sempre se observou nas aulas de história, em particular, e no próprio meio escolar, como um todo, quanto no que é mostrado e noticiado pela mídia, TV e cinema.

Nessa etapa apresentaremos propostas de intervenção voltadas para a sala de aula, com a possibilidade, esperamos, de que possam ser adaptadas tanto para alunos dos anos iniciais quanto do Ensino Médio. O objetivo nesse momento é, instigando os alunos a repensarem seus conhecimentos, apresentar elementos que os levem a perceber os principais problemas e preconceitos acerca do tema.

Além disso, deve haver o cuidado de inserir conteúdos sobre África não apenas em datas comemorativas, como dia da Consciência Negra, ou em uma única aula, sob o risco de apenas perpetuar o que já ocorre, em que a África e os negros aparecem apenas ao se tratar da escravidão, ou do apartheid. Deve-se buscar intercalar, durante todo o ano letivo, conteúdos

de África que dialoguem com os conteúdos tradicionais.

Primeira proposta de intervenção:

Iniciar a aula questionando os alunos o que eles conhecem sobre a África e sua história, e conforme as repostas surgirem, anotá-las no quadro. Em seguida perguntar o que eles acham que existe na cultura brasileira que pode ter vindo da África, anotando-as em outra coluna. A partir das respostas dadas, orientar uma discussão, procurando desconstruir os estereótipos que fatalmente apareceram em suas falas, apontando:

1 – a África como lugar onde surgiu a humanidade

2 – o fato de que a civilização egípcia, por exemplo, embora esse fato muitas vezes não seja ressaltado, se localizava na África e que seu povo era negro. Nesse momento é possível citar filmes que sempre os retrataram como Brancos (havendo tempo e os meios técnicos, o professor pode exibir para os alunos o videoclipe da música “Remember the Time”, de Michael Jackson, nos quais os personagens são representados por atores negros – <https://www.youtube.com/watch?v=LeiFF0gvqcc>).

3 – ressaltar o fato de que o tratamento dado à “história universal” é quase exclusivamente focado na história da Europa, procurando instigá-los a pensarem sobre o motivo de estudarem tantos conteúdos a respeito da história da Europa, e tão pouco acerca da África. Nesse momento é possível fazer mais uma provocação. Apontando que mais da metade da população brasileira é negra, e, portanto, tem sua origem na África, perguntar qual é, na opinião deles, o motivo para essa escolha. Perguntar ainda, entre tudo o que eles se lembram de ter estudado em história, em que momentos a África apareceu.

Obviamente, pela própria dinâmica da sala de aula e a diversidade de respostas possíveis, o professor deve ser capaz de se adaptar, procurando sempre orientar os alunos na discussão.

Segunda proposta de intervenção:

O professor pode iniciar a aula lembrando a discussão passada, e propondo uma atividade: usando um mapa contendo apenas os contornos dos países do continente (imagem 01), pedir aos alunos para completá-lo, escrevendo os nomes dos países, após todos terem terminado, ver quantos e quais países eles conseguiram escrever o nome corretamente. Em seguida ele pode entregar outra versão do mapa, já com os nomes preenchidos (imagem 02), para que os alunos possam fazer a comparação.

A tarefa pode ser continuada, com o professor, agora se baseando no segundo mapa, perguntar quantos dos nomes daqueles países os alunos já conheciam, e se eles saberiam dar

maiores informações sobre esses países.

Finalizando, a turma pode ser dividida em grupos, ficando cada um responsável por pesquisar e trazer informações sobre cada um dos países, e apresentando o resultado da pesquisa para seus colegas.

Terceira proposta de intervenção:

Essa proposta demandaria uma maior preparação por parte do professor.

Iniciando a aula, o professor deve montar no quadro, com o auxílio dos alunos, uma linha do tempo da “história universal”, desde o surgimento do Homem até os tempos atuais. Depois de pronta, perguntar aos alunos se eles acham que aquela linha representa realmente a história universal, isso é, de toda a humanidade.

Dialogando com as respostas, ele deve levantar a questão de onde entraria a história da África dentro daquele esquema. Após as respostas dos alunos, ele poderia distribuir uma série de materiais, como cartões montados para simular recortes de jornais e revistas, contendo textos e imagens da história africana, trazendo informações sobre a localização geográfica e temporal daqueles fatos. Com base nesse material, os alunos receberiam a tarefa de criarem eles próprios um novo diagrama temporal da História Universal, incluindo nele as informações que tivessem aprendido com os cartões.

Essa terceira proposta é, obviamente, mais difícil de ser praticada, justamente pela necessidade de se confeccionar o material, e por grande parte dos professores não possuir realmente a formação ou as fontes necessárias para a sua realização. Acredito, contudo, que pode ser uma proposta válida, inclusive com a possibilidade de algo nesse sentido ser produzido dentro da proposta de criação de materiais didáticos incluída em nosso curso de especialização.

Acredito que as três propostas, sem nenhuma pretensão de abranger todo o conteúdo que pode e deve ser ensinado sobre África, podem funcionar para introduzir aos alunos ao mundo africano e a uma perspectiva de história mais preocupada com a alteridade.

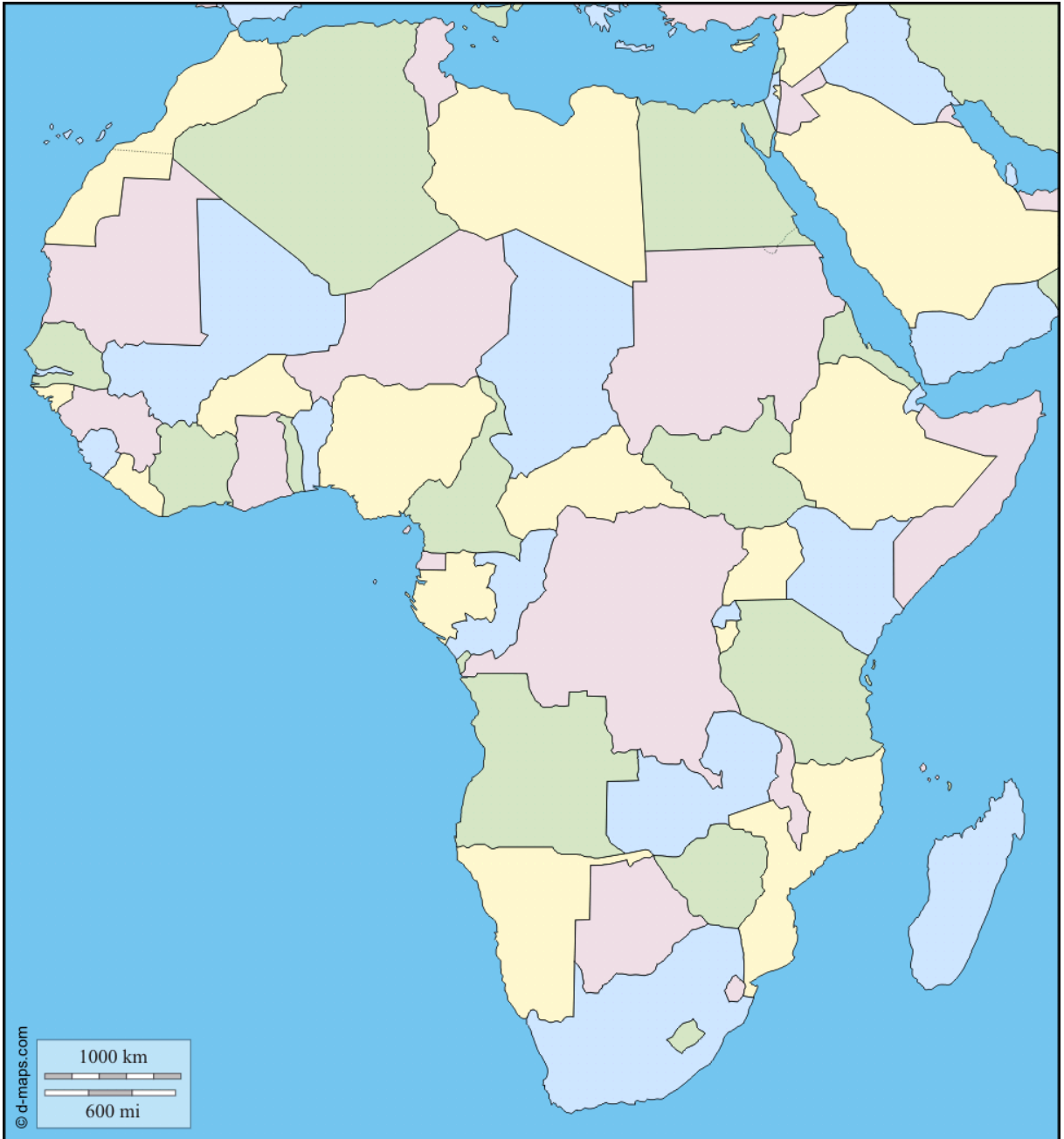


Figura 21: Mapa 01



Figura 22: Mapa 02

Glossário

Alfred Russel Wallace – (8 de janeiro de 1823 – Inglaterra, 7 de novembro de 1913) foi um naturalista, geógrafo, antropólogo e biólogo britânico. Em 1858, após realizar pesquisas na Indonésia, escreve um ensaio no qual praticamente definia o que seria a Teoria da Evolução. Após enviar seu ensaio para ser revisado por Darwin, os dois descobrem que estavam trabalhando praticamente na mesma teoria. Em junho de 1858 apresentam juntos suas teses, que definiriam os princípios da teoria da evolução.

Antropologia – É a ciência que estuda o homem e a humanidade como um todo. Pode ser dividida em Antropologia Cultural e Antropologia Biológica.

Australopitécneos – Família de primatas anterior ao gênero *Homo*. Compreende espécies como *Australopithecus afarensis*, *Australopithecus garhi*, *Paranthropus boisei* e *Paranthropus robustus*.

Bipedia – É também conhecida como bipedalia ou bipedalismo, é a locomoção ereta vertical, ocupa grande espaço na paleoantropologia desde sempre, tendo em vista que esse tipo de postura no deslocamento é bastante raro no mundo animal. No caso dos primatas, somos os únicos que se locomovem em posição vertical sustentada, tornando a bipedia, portanto, um dos mais importantes, se não o mais importante, marcador exclusivo de nossa linhagem evolutiva.

Carl von Linné – (23 de maio de 1707 – 10 de janeiro de 1778) Foi um médico, botânico e zoólogo sueco. Foi o criador da nomenclatura binomial e da classificação científica.

Charles Darwin – (12 de fevereiro de 1809 – 19 de abril de 1882) Foi um cientista e naturalista britânico. Juntamente de Alfred Wallace, é considerado o pai da Teoria da Evolução.

Denisovanos – Espécie do gênero *Homo*, descoberto na caverna de Denisova, na Sibéria. Foi uma das espécies do gênero *Homo*, juntamente dos neandertais, a coexistir com os humanos modernos. Foram extintos há cerca de 40 mil anos.

Hominíneos – É o termo proposto para traduzir “hominin”, para denominar os membros da família *Homininae*: gorilas, chimpanzé, o homem e os seus ancestrais extintos. É muito comum o uso do termo hominídeo, que é a tradução de *Hominidae* para se referenciar ao homem seus parentes próximos e seus ancestrais

Hominização – É o desenvolvimento progressivo que permite ao homem conceber e criar, aplicando técnicas cada vez mais elaboradas, um conjunto de utensílios, tão diversificada e eficiente que multiplica, ao longo dos milênios, sua ação sobre o ambiente.

Neandertais – Espécie do gênero *Homo*. Descoberto no Vale de Neander, na Alemanha foi um dos primeiros hominídeos pré-históricos a ser descoberto. Sua linhagem se separou da dos humanos modernos provavelmente há cerca de 500 mil anos. Viveu principalmente na Europa e em partes da Ásia.

Paleoantropologia – Ramo da paleontologia que investiga os registros fósseis deixados pela espécie humana e seus ancestrais.

Paleontologia – Campo da ciência que estuda o registro fóssil deixado pelos seres vivos, procurando reconstituir como seria a vida na terra, seus ecossistemas e as criaturas que viveram em eras passadas.

Primatas – São animais que apresentam cinco dígitos nas mãos e nos pés, polegares opositores, unhas no lugar de garras, visão estereoscópica (de profundidade), comportamento complexo, organização social complexa, cria dependente da mãe e infância prolongada. São divididos em dois grupos: primatas inferiores ou prossímios (lêmures, galagos, lóris) e primatas superiores ou antropoides (

Seleção Natural – É o processo, proposto inicialmente Darwin e Wallace, para explicar a adaptação e especialização dos seres vivos. Basicamente ela define que as características favoráveis que são hereditárias tornam-se mais comuns em gerações sucessivas de uma população de organismos que se reproduzem, e que características desfavoráveis que são hereditárias tornam-se menos comuns.

Vale do Rift – Falha geológica localizada na África Oriental. Diversos sítios arqueológicos humanos se encontram em sua área.

Referência bibliográfica

ALMÉCIA, Sergio; SMAERS, Jeroen B.; JUNGERS, William L. The evolution of human and ape hand proportions. **Nature Communications** v. 6, p. 7717 , 14 jul. 2015.

ANDRADE, Botelho *et al.* O que é ser humano? **Ciências & Cognição** v. 12, p. 178–191 , nov. 2007.

As filhas de Eva. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/ciencia/as-filhas-de-eva/>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

Bipedalismo e novas possibilidades para o movimento humano. Disponível em: <<http://pre.univesp.br/bipedalismo#.WFspw7nlarw>>. Acesso em: 22 dez. 2016.

BOBE, René; BEHRENSMEYER, Anna K.; CARRASCO, Gabriel. Paleoclima y evolución faunística en el Plio-Pleistoceno de África y América del Sur. **ResearchGate** v. 41, p. 641–649 , 1 jan. 2004.

Branços, negros, índios e amarelos: Todos parentes. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/comportamento/brancos-negros-indios-e-amarelos-todos-parentes/>>. Acesso em: 23 dez. 2016.

CANAL DO PIRULA. *Cladística - reconstruindo a Evolução (#Pirula 94)* . [S.l: s.n.]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SAoFkZczm2Y>>. Acesso em: 15 dez. 2016. , [S.d.]

CANAL DO PIRULA. *Evolução e Dispersão dos mamíferos [REPOST] (#Pirula 62)* . [S.l: s.n.]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GTad-8hVc_Q>. Acesso em: 15 dez. 2016. , 12 ago. 2013

Catarrhini. Disponível em: <<http://tolweb.org/Catarrhini/16293>>. Acesso em: 11 dez. 2016.

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BELO HORIZONTE UNI - BH - acasohumano.pdf . [S.l: s.n.]. Disponível em: <<http://paleoantro2.dominiotemporario.com/doc/acasohumano.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2016. , [S.d.]

Cladística - reconstruindo a Evolução (#Pirula 94) - YouTube. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=SAoFkZczm2Y>>. Acesso em: 15 dez. 2016.

CORDEIRO, Antonio Rodrigues. Gênese da vida humana. **Ciência e Cultura** v. 60, n. SPE1, p. 60–62, 2008.

Cronologia da evolução humana – Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em:
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Cronologia_da_evolu%C3%A7%C3%A3o_humana>. Acesso em: 12 dez. 2016.

desenvolvimentopensamento.pdf. . [S.l: s.n.]. Disponível em:
<<http://paleoantro2.dominiotemporario.com/doc/desenvolvimentopensamento.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2016. , [S.d.]

Dragões de Garagem #33 Migrações humanas. Disponível em:
<<http://dragoesdegaragem.com/podcast/dragoes-de-garagem-33-migracoes-humanas/>>. Acesso em: 13 jan. 2017.

Early Stone Age Tools | The Smithsonian Institution's Human Origins Program. Disponível em: <<http://humanorigins.si.edu/evidence/behavior/stone-tools/early-stone-age-tools>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

EU, CIÊNCIA. *Evolução Aula 04 - Evolução Humana* . [S.l: s.n.]. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=rK_1sMriweo>. Acesso em: 15 dez. 2016. , 10 ago. 2014

Eve, Adam and how we almost didn't make it. **heinakroon.com**. [S.l: s.n.]. Disponível em:
<<https://heinakroon.com/2013/01/25/eve-adam-and-how-we-almost-didnt-make-it/>>. Acesso em: 22 dez. 2016. , 25 jan. 2013

Evolução Humana - Paleoantropologia - Homens das cavernas. Disponível em:
<<http://www.avph.com.br/homens.htm>>. Acesso em: 6 dez. 2016.

FERREIRA, Roberto Godofredo Fabri *et al.* The philogenesis of language: new approaches of old questions. **Arquivos de Neuro-Psiquiatria** v. 58, n. 1, p. 188–194 , mar. 2000.

FERWEN. *African paleoclimate and early hominin evolution*. **Letters from Gondwana**. [S.l: s.n.]. Disponível em: <<https://paleonerdish.wordpress.com/2014/08/07/african-paleoclimate-and-early-hominin-evolution/>>. Acesso em: 12 dez. 2016. , 7 ago. 2014

Ki-Zerbo J. (editor) *et al.* História geral da África. Tradução . 2. ed. São Paulo, SP: Unesco, 2010. p. 447-549

LAKE TURKANA Page Version ID: 746005270. LAKE TURKANA Page Version ID: 746005270. **Wikipedia**. [S.l: s.n.], 24 out. 2016. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Lake_Turkana&oldid=746005270>. Acesso em: 16 dez. 2016.

Later Stone Age Tools | The Smithsonian Institution's Human Origins Program. Disponível em: <<http://humanorigins.si.edu/evidence/behavior/stone-tools/later-stone-age-tools>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

MAGALHAES, Fabio Dias. *Sala BioQuímica: Somos todos macacos? (sobre biologia e racismo)* .**Sala BioQuímica**. [S.l: s.n.]. Disponível em: <<http://salabioquimica.blogspot.com.br/2014/05/somos-todos-macacos-sobre-biologia-e.html>>. Acesso em: 15 dez. 2016. , 21 maio 2014

NABTA PLAYA Page Version ID: 43159704. NABTA PLAYA Page Version ID: 43159704. **Wikipédia, a enciclopédia livre**. [S.l: s.n.], 19 ago. 2015. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Nabta_Playa&oldid=43159704>. Acesso em: 21 dez. 2016.

NEVES, Walter A. no princípio... era o macaco. **estudos avançados** v. 20, n. 58, p. 249–285 , 2006.

O deserto do Saara já abrigou o maior lago de água doce do mundo. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2015/07/o-deserto-do-saara-ja-abrigou-o->

maior-lago-de-agua-doce-do-mundo.html>. Acesso em: 21 dez. 2016a.

O deserto do Saara já abrigou o maior lago de água doce do mundo. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2015/07/o-deserto-do-saara-ja-abrigou-o-maior-lago-de-agua-doce-do-mundo.html>>. Acesso em: 22 dez. 2016b.

PAÍS, Ediciones El. *A outra saída do homem da África*. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2014/04/21/sociedad/1398104706_813193.html>. Acesso em: 6 dez. 2016.

Por que os primeiros homens deixaram a África? Disponível em: <<https://noticias.terra.com.br/educacao/voce-sabia/por-que-os-primeiros-homens-deixaram-a-africa,a208c087e60ea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 6 dez. 2016.

Pre-historia-da-Africa-ocidental.pdf. . [S.l: s.n.]. Disponível em: <<http://www.casadasafricas.org.br/wp-content/uploads/2011/08/Pre-historia-da-Africa-ocidental.pdf>>. Acesso em: 6 dez. 2016. , [S.d.]

Stone Age - Africa | anthropology | Britannica.com. Disponível em: <<https://global.britannica.com/event/Stone-Age/Africa>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

TEORIA DA CATÁSTROFE DE TOBA Page Version ID: 44496880. TEORIA DA CATÁSTROFE DE TOBA Page Version ID: 44496880. **Wikipédia, a enciclopédia livre**. [S.l: s.n.], 15 jan. 2016. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Teoria_da_cat%C3%A1strofe_de_Toba&oldid=44496880>. Acesso em: 4 dez. 2016.

The 1858 Darwin-Wallace paper | The Alfred Russel Wallace Website. Disponível em: <<http://wallacefund.info/content/1858-darwin-wallace-paper>>. Acesso em: 6 jan. 2017.

ZIMMER, Carl. A Single Migration From Africa Populated the World, Studies Find. **The New York Times** 21 set. 2016 Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2016/09/22/science/ancient-dna-human-history.html>>. Acesso em: 8 jan. 2017.

Imagens

Template:Human timeline - Wikipedia. Disponível em:

<https://en.wikipedia.org/wiki/Template:Human_timeline>. Acesso em: 13 jan. 2017.

Tadart_Acacus_1.jpg (imagem JPEG, 1280 × 960 pixels) - Redimensionada (35%).

Disponível em:

<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/91/Tadart_Acacus_1.jpg>. Acesso em: 13 jan. 2017.

Races_and_skulls.png (imagem PNG, 342 × 560 pixels). Disponível em:

<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/8b/Races_and_skulls.png>. Acesso em: 13 jan. 2017.

mitochondrial-eve2.jpg (imagem JPEG, 600 × 800 pixels) - Redimensionada (76%).

Disponível em: <<https://aheinakroon.files.wordpress.com/2013/01/mitochondrial-eve2.jpg>>.

Acesso em: 22 dez. 2016.

Lake-Nakuru-Baboon-Hill-View.JPG (imagem JPEG, 4607 × 2837 pixels). Disponível em:

<<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/9b/Lake-Nakuru-Baboon-Hill-View.JPG>>. Acesso em: 13 jan. 2017.

Grandi_laghi_africa.jpg (imagem JPEG, 312 × 387 pixels). Disponível em:

<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e6/Grandi_laghi_africa.jpg>. Acesso em: 13 jan. 2017.

Olduvai_Gorge.jpg (imagem JPEG, 450 × 298 pixels) - Redimensionada (97%). Disponível

em: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/51/Olduvai_Gorge.jpg>. Acesso em: 16 jan. 2017.

THECARLAGAS. Español: Uno de los primeros primates. . [S.l: s.n.]. Disponível em:

<https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Sahe_tchadensis.jpg?uselang=pt-br>. Acesso em: 12 jan. 2017. , 22 mar. 2011

ergaster.jpg (imagem JPEG, 435 × 582 pixels). Disponível em:

<<https://aheinakroon.files.wordpress.com/2013/01/ergaster.jpg>>. Acesso em: 22 dez. 2016.

Darwin_Tree_1837.png (imagem PNG, 925 × 1563 pixels) - Redimensionada (21%).

Disponível em:

<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/10/Darwin_Tree_1837.png>. Acesso em: 12 jan. 2017.

Canto_tallado_1-Guelmim-Es_Semara.jpg (imagem JPEG, 727 × 1309 pixels) -

Redimensionada (25%). Disponível em:

<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/6d/Canto_tallado_1-Guelmim-Es_Semara.jpg>. Acesso em: 12 jan. 2017.

Blombos_Cave_engrave_ochre_1.jpg (imagem JPEG, 336 × 194 pixels). Disponível em:

<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e2/Blombos_Cave_engrave_ochre_1.jpg>. Acesso em: 13 jan. 2017.

Australopithecus_family.jpg (imagem JPEG, 1965 × 1099 pixels) - Redimensionada (30%).

Disponível em:

<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/51/Australopithecus_family.jpg>. Acesso em: 13 jan. 2017.

Australopithecus_afarensis.JPG (imagem JPEG, 2560 × 1920 pixels) - Redimensionada (32%). Disponível em:

<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/5e/Australopithecus_afarensis.JPG?uselang=pt-br>. Acesso em: 22 dez. 2016.

Apollo-11_stone_slab.jpg (imagem JPEG, 489 × 378 pixels). Disponível em:

<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/7d/Apollo-11_stone_slab.jpg>. Acesso em: 13 jan. 2017.

Africa: free map, free blank map, free outline map, free base map : states, names, color.

Disponível em: <http://d-maps.com/carte.php?num_car=25458&lang=en>. Acesso em: 16 jan. 2017.

Africa: free map, free blank map, free outline map, free base map : states, color. Disponível

em: <http://d-maps.com/carte.php?num_car=20818&lang=en>. Acesso em: 16 jan. 2017.

Acacia_Kenya_Savannah.jpg (imagem JPEG, 2592 × 1728 pixels) - Redimensionada (19%).

Disponível em:

<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/1c/Acacia_Kenya_Savannah.jpg>.

Acesso em: 13 jan. 2017.

A_Bonobo_at_the_San_Diego_Zoo_“fishing”_for_termites.jpg (imagem JPEG, 2608 × 1952 pixels) - Redimensionada (17%). Disponível em:

<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/5b/A_Bonobo_at_the_San_Diego_Zoo_%22fishing%22_for_termites.jpg>. Acesso em: 13 jan. 2017.